



**Escola Superior  
de Educação**

Politécnico de Coimbra

# A criatividade na Educação Pré-Escolar

Departamento de Formação de Educadores e Professores

Mestrado em Educação Pré-Escolar

2022, Bruna Salomé Dinis Pereira



**Escola Superior  
de Educação**

Politécnico de Coimbra

Bruna Salomé Dinis Pereira

A criatividade na Educação Pré-Escolar

Relatório Final em Educação Pré-Escolar, apresentada ao Departamento de Formação de Educadores e Professores da Escola Superior de Educação de Coimbra para obtenção do grau de Mestre

Constituição do júri

Presidente: Mestre e Especialista Susana Maria Mendes Silveira

Arguente: Prof. Doutora Sílvia Maria de Deus Espada

Orientador: Prof. Doutor Bartolomeu Adalberto Figueiredo Paiva

outubro de 2022

## Agradecimentos

“Ninguém escapa ao sonho de voar, de ultrapassar os limites do espaço onde nasceu, de ver novos lugares e novas gentes. Mas sabe ver em cada coisa, em cada pessoa, aquele algo que a define como especial, um objeto singular, um amigo – é fundamental. Navegar é preciso, reconhecer o valor das coisas e das pessoas, é mais preciso ainda!” Antoine de Saint-Exupéry

Gostava de começar por agradecer ao meu orientador, Professor Doutor Bartolomeu Paiva, por toda a ajuda, sugestões, esclarecimentos e, mais que tudo, pela disponibilidade. Quero agradecer também a todos os professores com quem tive a oportunidade de contactar durante a licenciatura e posteriormente, no mestrado.

Quero agradecer também à direção da instituição onde realizei o estágio e à educadora cooperante que possibilitaram a realização da minha intervenção.

Aos meus pais e família, por todo o amor e sacrifício que fizeram para que chegasse até aqui.

Às minhas amigas, Catarina Carvalho e Joana Branco, por toda a ajuda, pelo ombro amigo quando as coisas não corriam como planeado e, principalmente, por toda a amizade.

Ao meu melhor amigo, André Santos, por ser o meu ombro amigo e por me ter ouvido sempre que eu achava que não seria capaz.

À minha amiga e colega de estágio, Gabriela Pinheiro, que foi uma peça essencial no meu percurso, sem ela tudo isto teria sido muito mais difícil. Obrigada por toda a ajuda, conselhos, disponibilidade e, mais que tudo, amizade.

A todos os meus amigos, pelas palavras de incentivo que me foram dando ao longo de todo o meu percurso académico e por terem vivido comigo a concretização de um dos meus maiores sonhos.

Por fim, a todas as crianças com quem tive a honra de trabalhar, sem elas nada disto teria sido possível.

## **A criatividade na Educação Pré-Escolar**

**Resumo:** A criatividade é, cada vez mais, reconhecida como fundamental para o sucesso pessoal, para o desenvolvimento cultural e identitário das sociedades globais. No que diz respeito à educação, a criatividade tem vindo gradualmente a ser reconhecida como um aspeto fundamental do currículo. É inegável que quanto mais e melhores forem as oportunidades que as crianças têm de contactar com práticas criativas, mais possibilidade terão de, no futuro, se tornarem pessoas mais críticas e capazes de melhor responderem a qualquer desafio.

Assim, o presente relatório, intitulado de “Criatividade na Educação Pré-Escolar”, realizado no âmbito da unidade curricular de Prática Educativa I e integrado no Mestrado em Educação Pré-Escolar, tem como objetivos primordiais, desenvolver estratégias promotoras da criatividade e criar oportunidades para que as crianças desenvolvam as suas capacidades criativas.

A metodologia de investigação centrou-se numa abordagem de natureza qualitativa. Os dados foram recolhidos através de observação participante, de registos multimédia e da utilização de grelhas relativas a níveis de bem-estar e implicação e a indicadores de criatividade e autonomia.

A análise dos dados recolhidos permitiu verificar que, no final da implementação do projeto, as crianças apresentaram mais atitudes criativas e que os seus níveis de bem-estar e implicação aumentaram, o que indicia que as estratégias utilizadas tiveram o efeito esperado e contribuíram para o desenvolvimento da criatividade do grupo de crianças associadas a este estudo.

**Palavras-chave:** Educação Pré-Escolar, Desenvolvimento, Criatividade

## **Creativity in Preschool Education**

**Resume:** Creativity is increasingly recognized as fundamental for personal success, for the cultural and identity development of global societies. As far as education is concerned, creativity has gradually come to be recognized as a fundamental aspect of the curriculum. It is undeniable that the more and better the opportunities that children have to get in touch with creative practices, the more likely it is that in the future they will become more critical people and better able to respond to any challenge.

Thus, this report, entitled “Creativity in Pre-School Education”, carried out within the scope of the curricular unit of Educational Practice I and integrated in the Master in Pre-School Education, has as main objectives, to develop strategies that promote creativity and create opportunities for children to develop their creative abilities.

The research methodology focused on a qualitative approach. Data were collected through participant observation, multimedia records and the use of grids relating to levels of well-being and involvement and indicators of creativity and autonomy.

The analysis of the collected data showed that, at the end of the project implementation, the children showed more creative attitudes and that their levels of well-being and involvement increased, which indicates that the strategies used had the expected effect and contributed to the development of creativity of the group of children associated with this study.

**Keywords:** Preschool Education, Development, Creativity

## Sumário

|                                                                                                 |     |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Lista de abreviaturas.....                                                                      | VI  |
| Lista de figuras .....                                                                          | VI  |
| Lista de tabelas .....                                                                          | VII |
| Lista de Quadros .....                                                                          | VII |
| INTRODUÇÃO .....                                                                                | 1   |
| ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....                                                                      | 4   |
| 1. Criatividade em retrospectiva .....                                                          | 5   |
| 1.1 Pensamento criador .....                                                                    | 6   |
| 2. Modelo Cognitivo de Guilford e Modelo Educativo de Torrance .....                            | 8   |
| 2.1 Teoria de Guilford .....                                                                    | 8   |
| 2.2 Teoria de Torrance .....                                                                    | 9   |
| 3. Criatividade – conceito e definição.....                                                     | 10  |
| 4. Criatividade na Infância .....                                                               | 12  |
| 4.1 Desenvolvimento infantil.....                                                               | 12  |
| 4.2 Criatividade educativa.....                                                                 | 14  |
| 5. A escola, os professores, o currículo e a criatividade dos alunos - O sistema educativo..... | 16  |
| 5.1 O educador enquanto agente de criatividade .....                                            | 18  |
| 6. A criança e a criatividade .....                                                             | 22  |
| 6.1 A Expressão Plástica na educação pré-escolar .....                                          | 23  |
| COMPONENTE INVESTIGATIVA.....                                                                   | 25  |
| 1. A problemática.....                                                                          | 26  |
| 2. Modelo de Investigação.....                                                                  | 26  |
| 3. Questões e objetivos da investigação.....                                                    | 28  |
| 4. Organização do projeto.....                                                                  | 29  |
| 4.1 Participantes .....                                                                         | 29  |
| 5. Instrumentos e técnicas de recolha de dados .....                                            | 30  |
| 5.1 Recolha de Dados.....                                                                       | 30  |

|                                               |    |
|-----------------------------------------------|----|
| 5.2 Análise dos Dados .....                   | 32 |
| 6. Caracterização do contexto .....           | 34 |
| 6.1 O espaço educativo .....                  | 34 |
| 6.2 Caracterização do grupo .....             | 35 |
| 7. Organização e intervenção .....            | 37 |
| 7.1 Descrição da Intervenção.....             | 38 |
| 8. Apresentação e análise dos resultados..... | 46 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS .....                    | 57 |
| BIBLIOGRAFIA.....                             | 60 |
| ANEXO .....                                   | 66 |

## Lista de abreviaturas

1. APA- American Psychological Association
2. IPAR-Institute of Personality Assessment and Research
3. OCEPE – Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar
4. SOI- Modelo *Structure of Intellect*

## Lista de figuras

|                 |    |
|-----------------|----|
| FIGURA 1 .....  | 35 |
| FIGURA 2 .....  | 35 |
| FIGURA 3 .....  | 35 |
| FIGURA 4 .....  | 35 |
| FIGURA 5 .....  | 39 |
| FIGURA 6 .....  | 40 |
| FIGURA 7 .....  | 40 |
| FIGURA 8 .....  | 41 |
| FIGURA 9 .....  | 41 |
| FIGURA 10 ..... | 42 |
| FIGURA 11 ..... | 42 |
| FIGURA 12 ..... | 44 |
| FIGURA 13 ..... | 44 |
| FIGURA 14 ..... | 44 |
| FIGURA 15 ..... | 45 |
| FIGURA 16 ..... | 45 |
| FIGURA 17 ..... | 45 |
| FIGURA 18 ..... | 47 |
| FIGURA 19 ..... | 48 |
| FIGURA 20 ..... | 49 |
| FIGURA 21 ..... | 49 |
| FIGURA 22 ..... | 49 |

|                 |    |
|-----------------|----|
| FIGURA 23 ..... | 52 |
| FIGURA 24 ..... | 52 |
| FIGURA 25 ..... | 53 |

#### **Lista de tabelas**

|                |    |
|----------------|----|
| TABELA 1 ..... | 29 |
| TABELA 2 ..... | 54 |

#### **Lista de Quadros**

|                |    |
|----------------|----|
| QUADRO 1 ..... | 32 |
| QUADRO 2 ..... | 33 |
| QUADRO 3 ..... | 37 |
| QUADRO 4 ..... | 46 |
| QUADRO 5 ..... | 48 |
| QUADRO 6 ..... | 50 |



## INTRODUÇÃO

O presente relatório reflete o processo investigativo realizado no âmbito da unidade curricular de Prática Educativa, integrada no ciclo de estudo do mestrado em Educação Pré-Escolar da Escola Superior de Educação de Coimbra. Neste sentido, assume-se como finalidade a apresentação e análise, de forma aprofundada e reflexiva, das estratégias que possibilitaram o desenvolvimento de atitudes criativas por parte de um grupo de crianças em idade pré-escolar.

É de extrema importância que se adote uma educação que desenvolva globalmente a criança, estimulando e promovendo o seu espírito crítico, de forma a torná-la civicamente atuante, ponderada e criativa perante a sociedade e o mundo que a rodeia. A escola, de um modo geral, assume um papel fundamental na educação da criança e deve adotar estratégias que desenvolvam as suas capacidades e competências criativas, para que estas consigam inovar e responder às variadas situações com que se irão deparar ao longo da vida.

Assim, o interesse pela temática surgiu no local onde realizei a prática educativa em pré-escolar, visto que as crianças apresentavam fraco potencial criativo, face a trabalhos, ideias e respostas a desafios propostos por mim ou pela educadora que resultavam em trabalhos normalmente similares e previsíveis entre si.

Assim, este trabalho procura caracterizar a intervenção realizada, sustentando-a com uma fundamentação teórica adequada à temática abordada, e respondendo à questão-problema formulada à partida: “Como estimular a criatividade em crianças em idade pré-escolar?”.

Estruturalmente, este documento encontra-se organizado em três capítulos. – o primeiro, “Enquadramento Teórico”, integra toda a contextualização teórica que sustentou o desenvolvimento deste estudo, baseando em autores de referência para a área em estudo; no segundo capítulo, “Componente Investigativa”, é apresentado todo o percurso realizado ao longo do estudo, desde a apresentação da problemática, das questões e objetivos que norteiam este estudo, da organização do projeto, dos instrumentos e técnicas de recolha de dados utilizados, da caracterização do contexto, da organização da intervenção, culminando com a análise e discussão dos resultados

obtidos; por fim, o terceiro capítulo, “Considerações finais”, destaca, de forma sintética, as conclusões do processo investigativo.

Em suma, a análise dos dados recolhidos permitiu verificar que, no final da implementação do projeto, as crianças apresentaram mais atitudes criativas e que os seus níveis de bem-estar e implicação aumentaram, o que pode indicar que as estratégias utilizadas tiveram o efeito esperado e contribuíram para o desenvolvimento da criatividade do grupo de crianças associadas a este estudo.

## **ENQUADRAMENTO TEÓRICO**

## 1. Criatividade em retrospectiva

O conceito de “criatividade” foi-se transformando ao longo do tempo sendo, cada vez mais, objeto de reflexão. Na antiguidade, a criatividade era vista como um dom, uma inspiração divina, um desígnio superior, algo inalcançável. Deste modo, esta não poderia ser desenvolvida por qualquer sujeito, por isso, não valia a pena esforçar-se para atingir um pensamento criativo superior. Foi surgindo então a ideia de que as pessoas criativas eram pessoas privilegiadas (Wechsler, 1998).

Na época renascentista, a criatividade voltou a ser motivo de discussão. O homem renascentista, influenciado pelos princípios de liberdade e de independência, deixou de considerar a criatividade como algo divino, para a tornar numa característica intrínseca, genética e hereditária do ser humano, sem qualquer possibilidade de ser estimulada e desenvolvida. Dias e Moura (2007, p.67) confirmam esta ideia, quando afirmam que se estudava “a criatividade como algo inato aos sujeitos, uma característica individual e que, assim, o diferenciava dos demais”. Só algum tempo depois, e com toda a evolução do pensamento, é que o conceito de criatividade passou a ser visto como uma característica do ser humano, algo natural, possível de ser desenvolvido e estimulado.

Assim, a criatividade passou a ser percebida, por alguns autores, como sendo condicionada pelo ambiente onde o sujeito se inseria, portanto, não seria viável estudar o processo criativo de uma única pessoa sem ter em conta todas as suas experiências. Deste modo, a criatividade passou a ter uma relação muito forte com as características do ambiente em que cada sujeito se inseria, tais como as relações interpessoais, os seus valores e regras e a existência, ou não, de estímulos, fatores estes que incitam ou prejudicam a criatividade (Dias & Moura, 2007).

Segundo Moraes (2001) foi, maioritariamente, na década de 50, que existiu um crescimento exponencial das produções científicas relacionadas com a criatividade. No ano de 1858 foi publicado, pela *Creative Education Fondation*, o I Compêndio de Investigação onde era abordada a imaginação criativa. Neste ano foram fundados também centros especializados de investigação que estudavam a criatividade, são

exemplo o *Institute of Personality Assessment and Research (IPAR)*, o grupo de conferências de Taylor na Universidade de Utah e o *Torrance Center for Creative Studies*.

As investigações decorridas entre 1949 e 1969, pelo *Aptitudes Research Project*, lideradas por Guilford, provaram que os testes tradicionalmente realizados para avaliar a inteligência não eram eficazes, tendo, portanto, desenvolvido outros testes, entre os quais o *Creativity Test for Children*, que testava quatro fatores do pensamento divergente, entre eles: a fluência, a flexibilidade, a originalidade e a elaboração. De acordo com Torrance (1997), estes testes tinham por base a *Structure of Intellect* (teoria fatorial da inteligência), na qual era descrito que a criatividade assentava em cinco operações intelectuais: memória, comportamento, avaliação, percepção, comportamento convergente e pensamento divergente. Já em 1950, Torrance cria o *Torrance Test of Creative Thinking*, onde descreve atividades com estímulos específicos para avaliar cada uma das dimensões da criatividade (Wechsler, 1999).

Desde os anos 80 até aos dias de hoje, a criatividade têm sido estudada em diversas perspetivas, sendo várias as teorias que têm vindo a surgir ao longo do tempo, tal como a Teoria da Criatividade como Investimento, de Sternberg (1991) e Lubart (1996), que defende que a criatividade está dependente da existência de componentes como, as habilidades intelectuais, o conhecimento, os estilos de pensar, a personalidade, a motivação e o ambiente ; a Perspetiva Componencial, de Amabile (1996), focada na necessidade de estudar a criatividade tendo em conta o ambiente circundante, e a Perspetiva Sistémica, de Csikszentmihaly (1997, 1999), que pretendia perceber onde podemos encontrar a criatividade.

Podemos, portanto, concluir que todas as épocas e ações sob o efeito da “criatividade”, tiveram um grande impacto e influência no desenvolvimento do conhecimento.

### **1.1 Pensamento criador**

Como referido anteriormente, a partir dos anos 80 e até à atualidade, têm vindo a surgir diversos estudos e teorias sobre a criatividade.

Na generalidade todas estas teorias defendem que a criatividade é “a capacidade da pessoa para criar ideias, descobertas, reestruturações, invenções, objetos artísticos novos e originais, que são aceites pelos especialistas como elementos valiosos no domínio das Ciências, da Tecnologia e da Arte” (Vernon 1989, citado por Seabra, 2007, p.4).

Deste modo, torna-se fundamental clarificar o que é “criar”, visto estar na base da criatividade. Pelaes (2010, p.7) define esta ação como sendo “o ato de estabelecer uma nova existência, comprometida com a originalidade do fenómeno”. E o criador como sendo alguém que é “capaz de gerar o novo, o autor, que produz a forma, institui, inventa, faz nascer o novo”.

Assim, há autores que assumem que qualquer ser humano é dotado com a capacidade de formular novas ideias e soluções, sendo esta uma capacidade natural de cada pessoa, mais ou menos desenvolvida, conforme os estímulos recebidos durante a sua infância e, tendo em conta, a suas predisposições (Torre, 2005).

Existem, portanto, duas variantes do pensamento, o pensamento convergente e o pensamento divergente, formas estas que se complementam. O pensamento convergente diz respeito ao intelecto, centra-se na procura de apenas uma solução para um problema ou situação, sendo utilizando, muitas vezes, na vida escolar e ocorrendo “quando a atividade mental e manual é canalizada, encerrada em normas restritas, submetida a instruções rígidas, no sentido de uma solução única (...)” (Gonçalves, 1991, p.24).

Já o pensamento divergente consiste na procura de diferentes soluções para um mesmo problema ou situação, liga e transforma conceitos que já são dominados, dando-lhe uma nova interpretação, podendo, portanto, estar relacionado com a criatividade, tal como defende Marin (1976, p.32), ao afirmar que “as atitudes consideradas criadoras parem estar centradas na operação denominada pensamento divergente”. Este tipo de pensamento distingue-se também por não considerar uma única resposta como certa, apresentando infinitas possibilidades de soluções, visto que, conceitos como o “certo” e o “errado” não existem.

Gonçalves (1991) descreve o pensamento divergente como sendo

aquele que, perante um problema, procura todas as soluções possíveis, sendo menos adstrito à conformidade da resposta do que à sua originalidade (...) capaz de apreender relações entre factos (...) e de produzir formas novas, através de ensaios e erros (...). É o pensamento (...) do investigador, do pioneiro, do inovador. Digamos que o pensamento divergente é a própria tradução, no plano psicológico, do termo criatividade. (p.24)

Embora os pensamentos convergentes e divergentes sejam distintos, “isso não significa que (...) nunca ocorram juntos. Eles frequentemente acontecem juntos num ato total de solução de problemas” (Marin, 1976, p.32, citando Guilford, 1957).

A “atividade criadora” é, portanto, desenvolvida maioritariamente através da experiência, da exploração livre, que criam novas oportunidades, transformando o pensamento divergente em algo, cada vez mais rico, completo e profundo.

## **2. Modelo Cognitivo de Guilford e Modelo Educativo de Torrance**

Para que seja possível existir um processo criativo é fundamental que se desenvolva o pensamento e a imaginação, de forma a conseguir criar-se algo inovador ou transformar algo que já foi realizado. Ao longo do tempo, como referido anteriormente, surgiram diversos pontos de vista e linhas de pensamento, que deram origem a estudos sobre criatividade. Ao abordar este tema é fundamental fazer alusão a duas das mais importantes teorias realizadas sobre este tema, a teoria de Guilford e a teoria de Torrance.

### **2.1 Teoria de Guilford**

Joy Paul Guilford foi professor de psicologia na Universidade do Kansas (1927-28), na Universidade do Nebraska (1928-40) e na Universidade da Carolina do Sul (1940-67), liderou de 1949 a 1969 as pesquisas do *Aptitudes Research Project*, com o intuito de explorar as aptidões cognitivas menos conhecidas. Destas investigações resultou o

Modelo *Structure of Intellect* (SOI), que posteriormente originou uma dicotomia bastante relevante baseada no estudo do pensamento criativo: *a convergência e a divergência na produção intelectual*.

Foi durante o seu discurso na tomada de posse da presidência da APA (American Psychological Association), que realçou a importância da criatividade, colocando-a de novo no “roteiro” da comunidade científica e destacando-a como “um recurso natural humano que deveria ser sobejamente aproveitado e potencializado e poderia ser estudado de um modo objetivo e científico” (Garcês, 2014, p.27).

Guilford construiu testes com a finalidade de avaliar a criatividade, nos seus estudos sobre a mesma, destacando 4 características principais: a fluência, a flexibilidade, a elaboração e a originalidade, atributos sublinhados por Paul Torrance nos seus primeiros estudos (Garcês, 2014).

## **2.2 Teoria de Torrance**

Outro estudioso da área da criatividade, com foco numa perspetiva mais educacional foi Paul Torrance. Este definiu criatividade como sendo “the process of sensing problems or gaps in information, forming ideas or hypotheses, testing and modifying these hypotheses, and communicating the results” (Torrance, 1977, p.7).

Segundo o mesmo autor, numa primeira fase do processo de produção criativa, é necessário identificar a existência de uma problemática, reconhecendo os seus variados “ângulos” e as potenciais adversidades que possam vir a surgir. A última fase deste processo é uma das mais importantes – é a fase da comunicação dos resultados obtidos, a partir desta, sendo possível perceber qual a autoavaliação que os indivíduos fazem do seu trabalho, avaliando os resultados e perceber se é necessário repetir todo o processo criativo, caso existam alguns erros no produto final (Garcês, 2014).

Torrance aprofundou os estudos na área da criatividade iniciados por Guilford, identificando, não só os fatores cognitivos importantes para o desenvolvimento da criatividade, mas também os traços de personalidade que considerava fundamentais

para a promoção da mesma, nomeadamente a fantasia, o sentido de humor e o movimento.

Torrance teve também um papel primordial na criação de uma forma de avaliar a criatividade, elaborando, assim, o teste mais utilizado para essa mesma função – o *Torrane Creative Tinking Test*. Este teste teve como base a seguinte metodologia: “mostra-se ao sujeito uma série de objetos como brinquedos de crianças, utensílios de uso doméstico ou profissionais e pede-se ao mesmo que proponha algumas sugestões para melhorar o produto” (Seabra, 2007, p.10). Esta avaliação criativa tinha como ponto de partida a estimulação dos índices próprios do pensamento criativo, através da capacidade de elaboração de ideias inovadoras.

Esta nova forma de estudar e medir a criatividade na criança é, na minha opinião, bastante importante, pois veio conferir uma nova relevância ao tema, ao permitir avaliar um conceito tão subjetivo.

### **3. Criatividade – conceito e definição**

Depois de apresentada uma breve evolução conceptual de criatividade, é importante também defini-la, pois para compreender um termo, é essencial perceber a sua evolução ao longo do tempo, assim como, as várias traduções que lhe foram associadas. Para isso, serão apresentadas diversas definições de criatividade que surgiram ao longo dos anos de acordo com vários autores e estudiosos.

No dicionário de língua portuguesa, criatividade é definida como a “capacidade de criar, inventar, qualidade de quem tem ideias originais, de quem é criativo.”

No entanto, não é conhecida uma definição de criatividade que seja aceite unanimemente por toda a comunidade científica. Neste sentido, a criatividade não se tem vindo a demonstrar um constructo fácil de definir, medir e operacionalizar, devido à sua “pluralidade de definições, conceptualizações, domínios, perspetivas, disciplinas, métodos empíricos, níveis de análise e riqueza envolvidos na compreensão deste construto” (Sousa, 2014, p.3). Uma vez que não é possível encontrar duas pessoas que

possuam a mesma linha de pensamento, a criatividade vai-se distinguindo também consoante a cultura e o contexto social onde cada um está inserido, tendo em conta, também a sua individualidade, tanto a nível pessoal como social.

Apesar de existirem diversas definições e conceções sobre criatividade, existem algumas características que estão presentes em todas elas, nomeadamente a fluência, a elaboração, a originalidade, a eficácia e a flexibilidade de pensamento.

Rouquette, em 1973, defende que o conceito de criatividade é “um dos mais imperfeitamente definidos e ao mesmo tempo dos mais fascinantes que existem. Como tal, já inspirou uma grande quantidade de investigações” (Rouquette, 1973, p.7).

Autores diversos tentaram criar uma definição para a criatividade, nomeadamente, Parkhurst (1999), que, numa tentativa de uma definição vasta e englobante, defende que a criatividade é a “capacidade ou qualidade exibida quando [as pessoas] estão a tentar resolver problemas não resolvidos até então, quando desenvolvem novas soluções para os problemas que os outros resolveram de maneira diferente, ou quando desenvolvem produtos originais e novos (pelo menos para o criador)” (Parkhurst, 1999, p.18, citado por Sousa, 2014, p.4).

Parkhurst (1999) afirma ainda que a criatividade está interligada com a aptidão, ou particularidade, demonstrada pelas pessoas, quando resolvem problemas ou questões, para as quais ainda não são conhecidas respostas, ou então, quando são inovadores, ao gerarem novas soluções e, por fim, quando inventam produtos inovadores e originais.

Já Stein (1974), referido por Morais (2001), definiu a criatividade como sendo uma constante construção que leva à criação de um novo objeto, que é visto como benéfico, claro ou agradável para um conjunto considerável de pessoas.

Na proposta de Fonseca (1990), “o termo criatividade ou criação provém do verbo criar, da capacidade de dar existência a alguma coisa (...) de estabelecer relações até aí não concebidas (...) de inventar, de descobrir algo novo, de inovar” (p.14).

Eysenck (1994), referido por Morais (2001), caracteriza a criatividade como sendo a capacidade de criar soluções inovadoras e com uma grande qualidade, em detrimento de um problema ou questão.

Boden et al. (1999), subscrive também a dificuldade de definição da criatividade, associando-a a um quebra-cabeça, uma contradição e até um enigma. Acabando por referir que “uma ideia criativa é em geral definida como original e, em certo sentido, útil ou apropriada para a situação em que ocorre” (p.81).

Freire (2007) define a criatividade como sendo “um processo multifacetado, de nível distinto e ligado à inteligência, que envolve definição e redefinição de problemas e [ainda a] combinação de conhecimento anterior numa nova forma de aplicação” (p.46), referindo ainda que a criatividade “depende da motivação para a tarefa, capacidade e conhecimento num domínio, competências cognitivas e de um trabalho concentrado energético” (p.46).

Já em 2015, André e Santos, referem que é mais fácil reconhecer a criatividade do que a definir.

Em suma, apesar da dificuldade em definir o conceito de “criatividade”, é possível perceber que este está relacionado com a criação de algo e com a capacidade que o ser humano apresenta na resolução de problemas de forma original e/ou inovadora.

## **4. Criatividade na Infância**

### **4.1 Desenvolvimento infantil**

As crianças na faixa etária dos 3 aos 5 anos encontram-se numa fase marcada pela descoberta do ambiente que os rodeia e pela exploração do mundo, existindo, assim, uma grande ligação com o imaginário e com a fantasia.

À medida que as crianças vão crescendo, a sua perceção sobre o real vai, também, aumentando, tornando-se cada vez mais intensa e realista. Dos 3 aos 6 anos,

as crianças começam a ser capazes de criar, já que é nestas idades que se iniciam os processos mentais de planeamento da ação.

Para Piaget, as crianças desta idade encontram-se no estado de inteligência pré-operatória, no qual a função simbólica se começa a desenvolver, sendo que, é através desta que começa a ser possível construir interações (Rodrigues & Melchiori, 2014).

Vygotsky defendia que o contexto social onde as crianças estão inseridas e os contactos sociais que as mesmas estabeleciam eram fulcrais para a sua aprendizagem, já que “na perspectiva socioconstrutivista (...) a aprendizagem feita através das interações socioculturais enriquecida por adultos e pares é o impulsionador do desenvolvimento, nomeadamente do desenvolvimento cognitivo” (Folque, 1999, p.5).

Já Gloton e Clero (1974) afirmam que os seres humanos nascem com a capacidade de criar, logo, esta é uma capacidade intrínseca às crianças, que faz despoletar sensações de satisfação que são indispensáveis ao bom desenvolvimento do ser humano em fase de crescimento. Estas apresentam uma predisposição para explorar o desconhecido (Gonçalves, 1991). As crianças têm desejo de descobrir e desvendar o mundo à sua volta, o que é bastante benéfico para o desenvolvimento da criatividade, visto que, esta exige que exista o prazer em realizar aquela atividade, a curiosidade e uma vontade de experimentar coisas novas.

É, portanto, fundamental promover situações de aprendizagens significativas, ou seja, momentos em que as crianças tenham espaço e tempo para pensar e elaborar hipóteses, no qual o erro não seja visto como algo negativo, mas sim como uma nova oportunidade de experimentarem outras opções.

As criações das crianças, ou seja, a sua arte, vai-se também modificando e evoluindo ao longo do seu crescimento, à medida que as suas capacidades artísticas vão amadurecendo, para, consequentemente, irem desenvolvendo a motricidade fina e adquirindo um maior controlo e precisão na utilização dos vários materiais. É através destas experiências e situações do quotidiano, a que as crianças estão sujeitas, que se vai ditar a forma como estas passam a ver e a retratar o mundo que as rodeia.

Neste sentido, é relevante perceber a forma como se desenvolve o desenho e o grafismo infantil. Piaget (1978) definiu 4 fases da evolução gráfica das crianças: a garatuja (ordenada e desordenada), o pré-esquematismo, o esquematismo e o pseudo-naturalismo, sendo que irei centrar-me apenas nas duas primeiras fases.

A fase da garatuja acontece no intervalo etário dos 1 aos 3 anos – nesta fase a criança já apresenta interesse e gosto por desenhar, mas não existe ainda uma associação direta entre o objeto e a sua representação, embora a criança já seja capaz de nomear o que está a desenhar.

Já na fase do pré-esquematismo, que acontece entre os 2 e os 7 anos de idade, surge a descoberta da relação entre o desenho, o pensamento e a realidade, no entanto a criança ainda não é capaz de relacionar os elementos presentes no seu desenho, designadamente, sob o ponto de vista da organização espaço-temporal e da inter-relação entre os elementos representados.

#### **4.2 Criatividade educativa**

É nos primeiros anos de vida de uma criança que esta começa a construir a sua personalidade e boa parte da sua estrutura afetiva, física e intelectual. Esta etapa é, portanto, considerada fundamental na formação de qualquer ser humano.

Neste sentido, é de extrema importância que se adote uma educação que desenvolva globalmente a criança, estimulando e promovendo o seu espírito crítico e reflexivo, de forma a torná-la num cidadão que atue de forma ponderada, harmoniosa e criativa diante da sociedade e do mundo que a rodeia.

Desta forma, a escola, de um modo geral possui um papel fundamental na educação das crianças, devendo adotar estratégias que desenvolvam as suas capacidades e competências, para que estas consigam criar novas soluções e dar respostas às variadas situações com que se irão deparar ao longo da vida, ideia defendida por André e Santos (2012, p.46) quando afirma que “uma educação para a criatividade é absolutamente vital para desarmar as muitas armadilhas em que nos enredámos e para as quais não vislumbramos saídas”.

Assim, a criatividade tem vindo a ser cada vez mais reconhecida como um aspeto fundamental no currículo de qualquer aluno. Nas escolas há a convicção de que a criatividade deve ser trabalhada e estimulada, estando expressa nas orientações e objetivos delineados pelo Ministério da Educação. A lei de Bases do Sistema Educativo Português (Lei nº44/86, 1986), evidencia a importância da criatividade ao referir que a “A educação promove o desenvolvimento do espírito democrático e pluralista, respeitador dos outros e das suas ideias, aberto ao diálogo e à livre troca de opiniões, formando cidadãos capazes de julgarem com espírito crítico e criativo o meio social em que se integram e de se empenharem na sua transformação progressiva.” (2º artigo, ponto 5).

Já na Educação Pré-Escolar, a criatividade é também mencionada diversas vezes nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, sendo referido que “O desenvolvimento da criatividade e do sentido estético e o contacto com diferentes formas de cultura não fazem apenas parte deste domínio [Domínio da Educação Artística], mas deverão estar presentes em todo o desenvolvimento do currículo” (Silva et al, 2016, p.48). É, também, explicado que

ao participar ativamente no seu processo de aprendizagem, a criança vai mobilizar e integrar um conjunto de experiências, saberes e processos, atribuindo-lhe novos significados e encontrando formas próprias de resolver os problemas, o que lhe permite desenvolver não só a autonomia, mas também a criatividade. (Silva et al, 2016, p.34)

Embora o desenvolvimento da criatividade apresente todos estes benefícios para as crianças, “muitas escolas são indiferentes ou até mesmo criam um clima de asfixia à criatividade” (Alencar e Martinez, 2008, citado por Oliveira, 2012, p.15). O que vai ao encontro do pensamento de Torrance, que defendia que as escolas do futuro não deveriam direccionar as suas planificações apenas para que as crianças aprendessem conceitos, mas para que também se desse atenção à necessidade de as crianças pensarem.

Diversos estudos focados na criatividade, como o de Amaral e Martinez (2006), Morais e Azevedo (2008), Alencar e Fleith (2004, 2008), Nakano e Wechsler (2006), Wechsler (1985, 1987, 1998, 2002), Torrance (1977, 1987, 1993) e Ribeiro e Fleith (2007), referidos por Cardoso (2014) revelam que os docentes possuem concepções erradas sobre a criatividade, não a entendendo, o que, em conjunto com o facto de não possuírem capacidade de expressão criativa, criem um receio de desenvolver esta vertente nas suas aulas.

Os estudos referidos estabelecem, não só, o perfil que os educadores e professores devem adotar como impulsionadores da criatividade dos seus alunos, mas também, fornecem noções e ideias importantes para a prática docente, indicando as principais características dos indivíduos que reconhecem a importância de desenvolver a criatividade com as crianças desde cedo, particularmente, a motivação, a independência, a autonomia e a curiosidade.

Assim, alguns dos obstáculos apontados pelos educadores e professores para o estímulo da criatividade são, turmas com um grande número de alunos, crianças com dificuldade de aprendizagem, uma formação insuficiente nesta área e a falta de conhecimentos no que diz respeito às características e particularidades da criatividade.

Depois de aceite a relevância que o contexto escolar tem na promoção da criatividade das crianças, ao longo do seu percurso académico, é fundamental explorar os materiais e recursos que podem desenvolver ou dificultar a criatividade.

## **5. A escola, os professores, o currículo e a criatividade dos alunos - O sistema educativo**

Atualmente, a criatividade é reconhecida com uma capacidade possível de ser desenvolvida intencionalmente por todos os seres humanos. No entanto, esta não se processa de uma forma uniforme e universal, pois cada indivíduo é influenciado pelas suas particularidades e pelos estímulos do seu contexto social.

Para Sanchez, Martinez e Garcia (2003), o melhor currículo para a promoção da criatividade deve constituir

uma base teórica sólida para reconhecer as oportunidades de transferência da informação aprendida; atividades que estimulem a capacidade para responder de diversas formas a uma situação ou a um problema; procedimentos para melhorar o pensamento crítico e a solução de problemas complexos e um modelo de avaliação sólido. (p.128)

Na perspectiva de Bruno-Faria e Alencar (2008), referido por Cardoso (2014) outro elemento bastante importante para o desenvolvimento da criatividade são as condições físicas das instituições. Para os autores, a escola deveria fornecer recursos e materiais tecnológicos de acordo com a produção criativa, as bibliotecas deveriam ser equipadas com instrumentos que permitem a realização de pesquisas. No que diz respeito aos recursos humanos, os autores colocam o professor/educador como o principal elemento no desenvolvimento das capacidades criativas das crianças.

Nakano (2009), referido por Cardoso (2014) afirma que o professor ou educador responsável pela promoção da criatividade deve reconhecer a sua importância em todo este processo, deve elaborar estratégias que permitam que os seus alunos explorem, analisem, pesquisem, elaborem e testem as suas hipóteses, utilizando o seu pensamento criativo. Para que isto seja possível, é fulcral que o docente possua interesse pelas particularidades e métodos de desenvolvimento do potencial criativo, para que consiga estimular e identificar a criatividade nos seus alunos.

É, ainda, importante referir que os alunos que apresentam capacidades criativas são, muitas vezes, associados a características como a impulsividade, a espontaneidade, a excentricidade e a intolerância à rotina, o que leva a que sejam vistos como alunos com tendência a demonstrar problemas de comportamento dentro da sala de aula. Isto faz com que os professores prefiram alunos menos criativos, pois são mais influenciáveis e controlados (Oliveira, 2012).

Outro fator bastante importante, como condicionante favorável à expressão da criatividade, é o ambiente de sala de aula. Neste quadro, Cramond (2008), referido por Cardoso (2014), defende que um ambiente de sala de aula agradável é benéfico para o desenvolvimento da criatividade, pois quanto mais liberdade existir para a criança se expressar, mais criativa se vai tornar. O docente deve criar um ambiente onde as crianças se sintam seguras, sem medo de arriscar e de errar, pois “elas serão mais criativas se tiverem liberdade para decidir como escalar determinada montanha, mas você não precisa de deixá-la escolher a montanha a ser escalada” (Amabile, 1999, p.3).

Tanto os professores e educadores como os alunos devem ter em conta dois princípios fundamentais para que o ambiente consiga beneficiar o desenvolvimento da criatividade, em primeiro, o erro deve ser visto como uma oportunidade para aprender de uma nova maneira criativa, em segundo, o tempo de cada indivíduo para refletir, ponderar e imaginar essas mesmas oportunidades deve ser respeitado.

### **5.1 O educador enquanto agente de criatividade**

O mundo está em contante evolução, deste modo, todos os dias são criadas novas problemáticas que necessitam de uma solução, assim, é fundamental assegurar que as crianças exercitam a sua criatividade desde cedo, pois, só dessa forma, se tornam capazes de criar novas soluções e formas cada vez mais emergentes e criativas.

No que diz respeito ao contexto escolar, o educador é o responsável por fomentar e promover estas capacidades criativas nas crianças. Segundo Alencar e Oliveira (2008, p.297), um professor criativo é

aquele que está aberto a novas experiências e, assim sendo, é ousado, curioso, tem confiança em si próprio, além de ser apaixonado pelo que faz. Trabalha com idealismo e prazer, adotando uma postura de facilitador e quebrando paradigmas da educação tradicional.

Logo, é fundamental que os professores e educadores sejam criativos, para que consigam educar, promover e estimular nas crianças o sentido de criatividade, só desta forma estarão preparadas para as exigências que o mundo atual impõe, tal como defende Alencar e Oliveira (2008, p.296), quando refere que “a contemporaneidade requer professores criativos que formem alunos criativos”.

Assim, a forma de estar e os comportamentos apresentados pelos docentes, perante a criatividade, são extremamente influentes para o grupo com quem está a trabalhar. Se o educador ou professor apresentar uma atitude positiva, fortalecendo e incentivando as crianças, estará a potencializar a criatividade. Se, pelo contrário, transmitir uma atitude negativa, de punição e restrição, irá prejudicar e inibir a expressão criadora.

Um dos principais obstáculos para o educador, nesta construção do conhecimento, é conseguir promover o processo criativo sem impor que as crianças criem algo que vá “contra a sua natureza”. O docente deve ajudar as crianças a conceberem o seu próprio gosto, não transmitindo apenas as suas preferências, facultando todos os materiais essenciais para que as crianças se desenvolvam da forma mais positiva possível, criando oportunidades para que estas pensem, inventem, construam, falhem e tentem de novo (Gloton & Clero, 1997). Neste sentido, Alencar e Oliveira (2010) referem a importância de os docentes conhecerem “melhor as causas de suas dificuldades para poderem superá-las, bem como poderem contar com o apoio de outros profissionais envolvidos na prática educativa” (p.382).

O Educador deve, portanto, explorar a variedade de estímulos presentes na sala e aproveitá-los da melhor forma. É, também, fundamental que este seja flexível, de modo a conseguir adaptar as suas planificações aos interesses e curiosidades das crianças.

O docente tem ainda a responsabilidade de aceitar os erros das crianças, transformando-os em situações positivas de aprendizagem, fazendo com as crianças reflitam sobre o trabalho elaborado, atribuindo-lhe uma boa conotação. É primordial, também, que seja recetivo, partilhando as suas experiências e ideias, transmitindo, assim, a felicidade do convívio em comunidade.

Por vezes, existem algumas crianças que, por diversas razões, são mais retraídas e apresentam uma autoestima um pouco mais baixa, o que gera nelas um sentimento de insegurança, sendo, portanto, frequente que estas demonstrem mais dificuldades em criar algo por si próprios, fazendo com que peçam, repetidamente, ajuda na elaboração das atividades, ou então, que copiem as ideias dos colegas. Este comportamento pode ser gerado também pelos elevados padrões de exigência do educador, que criam uma grande dependência do mesmo na execução da atividade (Lowenfeld, 1974). Assim, o educador, de modo a tornar a educação num processo rico, deve estar preparado para ouvir, observar e refletir sobre o processo criativo das crianças.

É, portanto, fulcral que as crianças tenham aptidão para refletir sobre o seu trabalho. O educador deve certificar-se que todos têm um espaço onde podem partilhar as suas criações, clarificando as suas ideias e motivações. Esta partilha é enriquecida se, no final, o educador for compreensivo com as crianças, criando uma sensação de segurança, que faz com que estas produzam o que desejam, sem sentir medo de sofrer represálias.

Neste sentido, Cramond (2008), indica, também, algumas ações práticas para os docentes incentivarem o pensamento crítico, tais como,

trabalhar numa perspetiva de *problem solving*; explorar conteúdos atualizados, contextualizados e significativos para o aluno; incentivar o aluno a correr riscos; o saber lidar com as consequências do fracasso; dar oportunidade a que o aluno identifique as potencialidades; incentivar o aluno a aprofundar o conhecimento e a aperfeiçoar o seu trabalho; incentivá-lo a experimentar de diferentes formas; promover a flexibilidade e a resiliência. (Cramond, 2008, citado por Cardoso, 2015, p.30)

Quanto ao ambiente de sala, Uano (2002) referido por Alencar e Oliveira (2008), defende que as adoções de comportamentos criativos beneficiam bastante o ambiente de sala de aula. Assim, criatividade na escola deve ser edificada com base em três

princípios: a heterogeneidade, as opiniões que os alunos e os professores possuem de si próprios e, por fim, o clima criado na sala.

Mitjáns Martínez (1997) referido por Alencar e Oliveira (2008) afirma, também, que para existir um ambiente de sala de aula que promova a criatividade, é preciso a colaboração dos professores, alunos e direção da instituição. Para isto, o professor deve ter em atenção diversos tópicos, tais como:

1. A criança deve ter um papel e uma voz ativa na sua aprendizagem. O docente possui, portanto, um papel de facilitador do conhecimento, que estimula os interesses, curiosidades, pensamento crítico e potencialidades das crianças;
2. Cada criança deve ser respeitada na sua individualidade;
3. Aspetos como a liberdade, a disciplina, a responsabilidade, a segurança política e a tolerância pelos outros devem ser respeitados;
4. Os trabalhos realizados pelas crianças devem ser valorizados e reconhecidos pelo seu progresso, o aspeto avaliativo e quantitativo não deve ser valorizado;
5. Os professores e educadores devem transmitir as suas experiências emocionais positivas em relação ao grupo, disciplina e progresso;
6. Promoção de um clima emocional positivo entre o grupo.

A autora indica ainda os procedimentos mais comuns para o desenvolvimento e educação da criatividade, dividindo-os em seis grupos: “Utilização de técnicas específicas para a solução criativa de problemas; cursos e treinamentos de solução criativa de problemas; cursos para ensinar a pensar; seminários vivenciais e jogos criativos; o desenvolvimento da criatividade por meio da arte; e modificações no currículo escolar” (Alencar & Oliveira, 2008, p.299).

Concluindo, o docente, desperto para a importância da estimulação da criatividade no desenvolvimento da criança, deve ser sensível, facilitador e deve

proporcionar o maior número de experiências possíveis às crianças, para que estas desenvolvam esta capacidade.

## **6. A criança e a criatividade**

É primordial que se estimule o pensamento, a observação, a exploração, a elaboração de hipóteses, a criação, a ação, a pesquisa, a colaboração e, por fim, a reflexão nas crianças.

Quanto mais e melhores forem as oportunidades que as crianças tiverem de contactar com práticas criativas, mais possibilidade terão de, no futuro, serem pessoas críticas e capazes de responder, da melhor forma, a qualquer desafio. Dias e Moura (2007) estão de acordo com esta ideia, afirmando que

cultivar o pensamento criativo, desenvolvendo com os educandos as habilidades de perceberem lacunas, definirem problemas, coletarem e combinarem informações, elaborarem critérios para julgar soluções, testar soluções e elaborarem planos para a implementação das soluções escolhidas, é indispensável no processo educativo. A criatividade é um dos valores mais importantes nessa época em que vivemos porque o que mais se aprecia neste momento são ideias. E as ideias surgem, em geral, no desenvolvimento de um processo educativo prazeroso que fertilize novas ideias e novas visões para nossas vidas. (p.67)

Para estimular a criatividade é indispensável que se tenham em atenção os estímulos que são concedidos às crianças, pois quanto mais e melhores forem, mais capacidades criativas a criança poderá alcançar. Assim, para promover a criatividade é necessário que se criem oportunidades, desde cedo, para que as crianças se envolvam no seu processo de ensino-aprendizagem, com o objetivo de tornar o poder criativo em ação criativa.

É, portanto, fundamental perceber de que maneira as crianças exprimem a sua criatividade, compreendendo a sua arte. Seabra (2007) refere que as crianças têm a necessidade de criar, através da expressão plástica o que não conseguem expressar de forma oral, sendo esta a principal justificação da sua atividade criadora. A mesma autora refere ainda que “a expressão infantil é feita numa linguagem própria da infância, feita de formas e cores simbólicas. A criança exprime sensações corporais, sentimentos, desejos, (...) que ela não pode formular pela palavra, porque estão fora do seu consciente” (p.31-42).

### **6.1 A Expressão Plástica na educação pré-escolar**

Uma das formas mais conhecida para as crianças expressarem a sua criatividade é através da produção plástica. É neste sentido que as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar mencionam que

A Área de Expressão e Comunicação é a única em que se distinguem diferentes domínios, que se incluem na mesma área por terem uma íntima relação entre si, por constituírem formas de linguagem indispensáveis para a criança interagir com os outros, exprimir os seus pensamentos e emoções de forma própria e criativa, dar sentido e representar o mundo que a rodeia. (p.43)

Incluída nestas linguagens encontra-se a Expressão Plástica, utilizando o método da descoberta para promover o desenvolvimento das crianças a nível do sentido estético, da imaginação, da exploração e da criatividade.

Assim, para uma educação completa, que conduza a um desenvolvimento integral da criança, é fundamental que aspetos como a cultura e arte sejam abordados. Deste modo, a educação/expressão artística possui um lugar de destaque na vida das crianças, sendo necessária a sua valorização na formação de todos os cidadãos, principalmente, no que diz respeito à educação básica, onde a educação pré-escolar constitui a primeira etapa.

De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2016, p. 47), o domínio da educação artística permite às crianças “enriquecer as possibilidades de expressão e comunicação”, através de um “gradual conhecimento e apropriação de instrumentos e técnicas, o que pressupõe não só a expressão espontânea das crianças, como também a intervenção do/a educador/a”. Assim, no subdomínio das artes visuais é primordial que as crianças não só experimentem, executem e criem, como também tenham a oportunidade de refletir, dialogar, debater e apreciar o que elaboram.

Alguns autores, tais como Fróis, Marques e Gonçalves (2000), afirmam que a educação artística promove e contribui, não só para promoção do sentido estético e da criatividade das crianças, como também proporciona melhorias ao nível cognitivo, afetivo e expressivo, possibilitando momentos de reflexão e aceitação que contribuem para a criação da sua própria identidade, tanto social como pessoal.

Desta forma, as artes devem fazer parte da educação da criança desde cedo, uma vez que tornam o seu desenvolvimento completo, atuando a nível cognitivo, socioemocional e artístico, fortalecendo o vínculo das crianças com a escola e contribuindo para o desenvolvimento da autonomia, imaginação, criatividade e capacidade de se relacionar com os outros. Assim, estes fatores tornam-se fulcrais na aprendizagem em todos os domínios e na formação da personalidade da criança.

## **COMPONENTE INVESTIGATIVA**

## 1. A problemática

O presente trabalho de investigação foi desenvolvido durante o estágio realizado no ano letivo 2020/2021, numa sala de jardim de infância, com um grupo de 20 crianças, com idades compreendidas entre os 3 e os 5 anos.

A partir da observação realizada nos primeiros meses de estágio, e das diversas intervenções que tive a oportunidade de realizar com o grupo, começaram a surgir algumas atitudes por parte das crianças que constituíram objeto de análise e reflexão.

Neste sentido, estas atitudes eram perceptíveis na forma como o grupo reagia a certas propostas de atividade, que de alguma forma necessitavam da mobilização das suas capacidades criativas. O grupo mostrava-se muito pouco criativo, sendo que os seus trabalhos eram, globalmente, bastante simples e similares. Por sua vez, algumas atitudes da educadora e as propostas por ela apresentadas eram também um fator de regressão para o grupo.

Face à realidade encontrada e ao papel que o educador deve promover, tornou-se necessário explorar capacidades de resposta criativa, autónoma e dinâmica, com o grupo.

Assim, e tendo em conta que o educador deve “Inovar, criar novas imagens, interpretações (...) desafiar, aguçar a curiosidade, formular e inventar questões, questionar o conhecimento” (Bahia, 2007, p.48), a problemática sobre a qual decidi intervir, focou-se na pertinência da promoção e desenvolvimento da criatividade em crianças em idade pré-escolar, para dar resposta à seguinte questão: *Como desenvolver a criatividade em crianças em idade pré-escolar?*

## 2. Modelo de Investigação

A metodologia utilizada ao longo deste projeto insere-se numa investigação de natureza qualitativa que, segundo Bogdan e Biklen (1994, p.11), “é uma metodologia de investigação que enfatiza a descrição, a indução, a teoria fundamentada e o estudo das

percepções pessoais”. Os mesmos autores indicam que este tipo de investigação é caracterizado pela recolha de dados no contexto, numa situação natural, sendo que o investigador é o principal responsável pela recolha.

O estudo insere-se neste tipo de metodologia, por constituir um estudo que tem por base um contexto educativo, focando-se, em primeiro lugar, na recolha de dados e, posteriormente, na análise dos mesmos. Dada a natureza do estudo, o que é esperado, não é descrever e explicar a realidade escolar em causa, mas, pelo contrário compreendê-la. Portanto,

a investigação qualitativa foca um modelo fenomenológico no qual a realidade é enraizada nas percepções dos sujeitos; o objectivo é compreender e encontrar significados através de narrativas verbais e de observações em vez de através de números. A investigação qualitativa normalmente ocorre em situações naturais.

(Bento, 2012, pp.1-2)

O estudo tem também algumas características que se inscrevem no modelo de investigação-ação, que de acordo com Sousa e Batista (2011, p.66) é “uma metodologia dinâmica, que funciona como uma espiral de planeamento (...) planeando a intervenção, implementando o plano e avaliando a eficácia da intervenção” – no qual o investigador tem uma participação ativa no estudo.

A escolha deste tipo de modelo tem como objetivo melhorar as práticas docentes, levando ao questionamento reflexivo sobre o que se observa e sobre as dinâmicas da prática, pois permite que o investigador vá refletindo ao longo de todo o processo. Segundo Kemmis, 1984(citado por Fonseca 2012, p.18,), a investigação-ação

constitui uma forma de questionamento reflexivo e coletivo de situações sociais, realizado pelos participantes, com vista a melhorar a racionalidade e a justiça das suas próprias práticas sociais ou educacionais bem como a compreensão dessas práticas e as situações nas quais aquelas práticas são desenvolvidas; trata-se de investigação-ação quando a investigação é colaborativa, por isso é

importante reconhecer que a investigação-ação é desenvolvida através da ação (analisada criticamente) dos membros do grupo.

Esta metodologia permitiu-me formular novas dinâmicas, estratégias e objetivos, que fossem cada vez mais ao encontro das necessidades das crianças.

No entanto, não se pode considerar um estudo do tipo investigação-ação, uma vez que não foram verificadas todas as fases que constituem este tipo de estudo, sendo encontradas apenas algumas das suas características.

### **3. Questões e objetivos da investigação**

Partindo do princípio que vivemos num mundo em constante evolução, é dever de todos os profissionais da área da educação, principalmente dos que contactam com crianças em idades tão precoces, refletir sobre a necessidade e importância de promover a criatividade junto das suas crianças, para que no futuro se tornem cidadãos críticos e criativos.

É fundamental que as crianças desenvolvam, desde os seus primeiros anos de vida, a sua criatividade, para que no futuro sejam adultos que conseguem agir de forma responsável, assertiva e ativa, perante o mundo que os rodeia, pois “Perante os outros e a diversidade do mundo, a mudança e a incerteza, importa criar condições de equilíbrio entre o conhecimento, a compreensão, a criatividade e o sentido crítico. Trata-se de formar pessoas autónomas e responsáveis e cidadãos ativos” (Ministério da Educação, 2017, p.6).

Neste sentido, face à questão enunciada e após perceber que o grupo com que estava a trabalhar apresentava uma atitude pouco criativa, defini como objetivos para o meu projeto:

-Desenvolver estratégias para promover a criatividade numa sala de jardim de infância;

-Criar uma área da sala onde as crianças possam explorar a sua criatividade de forma livre e espontânea;

-Analisar, no contexto referido, os efeitos da intervenção educativa.

#### 4. Organização do projeto

##### 4.1 Participantes

O grupo de participantes deste estudo inclui a investigadora, a educadora cooperante e 20 crianças que constituem a sala 1 do jardim de infância que aceitou o meu processo de estágio e este estudo.

A sala 1 é composta por um grupo heterogéneo de crianças dos três aos cinco anos, sendo que duas fazem seis anos ainda em contexto de jardim de infância.

Para uma melhor compreensão do perfil do grupo, apresenta-se a seguinte tabela relativa à distribuição das idades das crianças:

**Tabela 1**

*Idade e número de crianças participantes*

| <b>Idade</b> | <b>Número de crianças</b> |
|--------------|---------------------------|
| 3 anos       | 9                         |
| 4 anos       | 7                         |
| 5 anos       | 4                         |
| Total        | 20                        |

Existem, portanto, treze crianças do sexo feminino e sete do sexo masculino, sendo o grupo composto por crianças de diferentes nacionalidades e/ou grupos étnicos.

## **5. Instrumentos e técnicas de recolha de dados**

### **5.1 Recolha de Dados**

Os instrumentos e técnicas de recolhas de dados são primordiais em investigação, uma vez que constituem o conjunto de processos que permitiram recolher, compreender e recolher a informação (Sousa & Batista, 2011).

Previamente à aplicação dos instrumentos de recolha de dados foi solicitada autorização à direção da instituição em que foi desenvolvido este projeto, aos encarregados de educação de todas as crianças envolvidas no estudo e à educadora cooperante.

Ao longo de todo o desenvolvimento do projeto, foi mantida a confidencialidade dos dados e garantido o anonimato de todas as crianças envolvidas no estudo.

#### **5.1.1 Observação**

A observação apresenta-se como a técnica de recolha de dados que permite ao investigador observar os sujeitos envolvidos no estudo no seu ambiente natural, é, portanto, percetível a importância que esta assume na investigação aos mais diferentes níveis. Paiva (2006) referindo Foster (1996), menciona que “a observação permite a recolha de informação detalhada sobre vários aspetos e em vários domínios, com fiabilidade e rigor, detalhe e objetividade, sobre os intervenientes e os seus contextos” (p.142).

No decorrer desta investigação foi realizada uma observação participante, em que o investigador esteve envolvido na ação com os participantes a observar.

### **5.1.2 Registos Semanais (Grelha de observação)**

Para avaliar se as atividades propostas estavam ou não a ser eficazes, foram elaboradas duas grelhas de observação. Na primeira eram apresentadas perguntas gerais, de resposta aberta, que eram respondidas no fim de cada sessão. Esta tinha como objetivo perceber de que forma tinha decorrido cada sessão e como é que as crianças tinham reagido à proposta apresentada (Consultar anexo 5,6,7,8 e 9).

No que diz respeito à segunda grelha de observação, esta avaliava os níveis de bem-estar e implicação, a fim de poder avaliar os efeitos do projeto. Esta grelha foi construída tendo por base os cinco níveis de bem-estar emocional e de implicação, definidos por Portugal e Laeveres (2011). Quanto à recolha de informação sobre estas dimensões, esta teve por base as atitudes e características que as crianças apresentaram ao longo das intervenções.

### **5.1.3 Produções das crianças**

Através das representações gráficas realizadas pelas crianças, pretendeu-se perceber se a atividade dinamizada estaria a decorrer como previsto, e se existia ou não, uma evolução nas criações das crianças.

### **5.1.4 Fotografias e vídeos**

Os registos fotográficos e videográficos foram utilizados ao longo da observação, como forma de registo, tendo sido essenciais ao longo do estudo, pois, como Sá-Chaves (2000) referido por Paiva (2006) defende, estes registos apresentam-se como

espaços multidiscursivos que, ao fazer interagir os autores das fotografias e aqueles que as observam, se desdobra uma forma de interdiscurso acerca da questões que as práticas ali representadas suscitam, tornando-se, assim, um

lugar privilegiado de reflexão, de análise, de produção de ideias e troca de argumentos, isto é, um espaço de formação. (p.143)

## 5.2 Análise dos Dados

Os indicadores de criatividade, utilizados para a avaliar a mesma, foram definidos, tendo por base Vernon (1989, citado por Seabra, 2007), que afirma que a criatividade é “a capacidade da pessoa para produzir ideias, descobertas, reestruturações, invenções, objetos artísticos novos e originais” (p.4). A escolha recaiu sobre estes indicadores por considerar serem os mais relevantes para o estudo.

### Quadro 1

*Indicadores de criatividade*

| Indicadores                 | Unidades de registo                                                                                                                                                      |
|-----------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Originalidade</b>        | -Utilização de materiais não tradicionais;<br>-Realizar a proposta sem reproduzir o trabalho do colega/adulto;<br>-Capacidade de apresentar ideias originais e próprias; |
| <b>Iniciativa/autonomia</b> | -Ser autónomo na realização das atividades;<br>-Ser autónomo na seleção dos materiais a utilizar nas diferentes atividades;                                              |

Para entender os efeitos das propostas apresentadas foi, como referido anteriormente, avaliado os níveis de bem-estar emocional e implicação. Para esse feito foi utilizada a seguinte escala:

**Quadro 2**

*Níveis de bem-estar emocional e implicação (Portugal & Laevers, 2011, p.21-22)*

| <b>Níveis</b>            | <b>Indicadores de bem-estar emocional</b>                                                   | <b>Indicadores de implicação</b>                                 |
|--------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------|
| <b>5 (Muito Alto)</b>    | Transmite felicidade, tranquilidade, autoconfiança e autoestima.                            | Atividade intensa e continuada.                                  |
| <b>4 (Alto)</b>          | Evidenciam sinais de satisfação. Situações raras perturbam temporariamente estas crianças.  | Atividade com momentos intensos.                                 |
| <b>3 (Médio/ Neutro)</b> | Demonstram bem-estar, no entanto, ocasionalmente evidenciam sinais de desconforto.          | Atividades mais ou menos continuada, mas sem grande intensidade. |
| <b>2 (Baixo)</b>         | Demonstram fortemente sinais de desconforto, que alteram com sinais positivos de bem-estar. | Atividade esporádica e frequentemente interrompida.              |
| <b>1 (Muito Baixo)</b>   | Evidenciam alguma tristeza e sinais de desconforto permanentes.                             | Ausência de atividade.                                           |

Portugal e Laevers (2011) definem bem-estar emocional como “um estado particular de sentimentos que pode ser reconhecido pela satisfação e o prazer, enquanto a pessoa está relaxada e expressa serenidade interior, sente a sua energia e vitalidade e está acessível e aberta ao que a rodeia” (p.20), sendo que alguns dos indicadores desse bem-estar emocional são a “abertura, receptividade, flexibilidade, auto-confiança e auto-estima, assertividade, vitalidade, tranquilidade, alegria e ligação consigo próprio” (pp 21-22). Quanto à implicação esta está relacionada à concentração, interesse e persistência apresentada por uma criança ao longo de uma determinada atividade. Os dois conceitos estão interligados, ou seja, se uma criança apresenta um bom nível de bem-estar emocional, certamente que irá demonstrar também um bom nível de implicação, o mesmo acontece na situação inversa.

## 6. Caracterização do contexto

O jardim de infância em que foi desenvolvido este estudo, pertence ao concelho de Coimbra e insere-se num Território Educativo de Intervenção Prioritário.

A sua comunidade apresenta características típicas das periferias urbanas. A maioria das famílias trabalha no setor da agricultura ou no setor de prestação de serviços, pelo que a comunidade pertence a estratos “médio” e “médio-baixo”.

### 6.1 O espaço educativo

A instituição está inserida num centro escolar que é constituído por dois níveis de ensino (pré-escolar e 1.º ciclo).

O jardim de infância é composto por uma sala destinada às Atividades de Animação e Apoio à Família (AAAF), duas salas de atividades com diversos materiais lúdicos acessíveis às crianças; duas casas de banho; uma sala de reuniões e um espaço para as refeições das crianças. A Instituição possui também um espaço exterior de grandes dimensões, com diversos materiais.

A sala onde realizei o estudo é de grandes dimensões, bem iluminada e dispõe de diversos materiais que se encontram ao alcance das crianças, com exceção dos materiais de recorte, e ainda um computador com acesso à internet, equipado com jogos didáticos adequados à faixa etária das crianças. A sala contém também imensos armários que se destinam à arrumação de alguns materiais relacionados com as artes visuais, como por exemplo as cartolinas e as tintas.

Quanto às áreas do brincar, algumas estão delimitadas, sendo as seguintes as áreas da sala:

- Área de acolhimento
- Área das histórias
- Área da casinha

- Área dos legos e das construções

**Figura 1**

*Área de Acolhimento*



**Figura 2**

*Área da leitura*



**Figura 3**

*Área das construções*



**Figura 4**

*Área da cozinha*



## 6.2 Caracterização do grupo

Como referido anteriormente, o grupo é composto por 20 crianças com idades compreendidas entre os 3 e 5 anos. Trata-se de um grupo que apresenta níveis de implicação e bem-estar médios.

Segundo o Sistema de Acompanhamento de Crianças de Portugal e Laevers (2011), o nível médio de implicação é caracterizado por:

“atividade mais ou menos continuada ou atividade sem grande intensidade – atribui-se às crianças que estão usualmente envolvidas em diversas atividades

mas raramente ou nunca se verifica “intensidade”. A criança está ocupada numa atividade de forma mais ou menos contínua, mas falta a verdadeira concentração, motivação e prazer. É um funcionamento rotineiro sem grande investimento de energia. A motivação e entrega na tarefa é limitada, a criança não se sente desafiada nem a sua imaginação é “espicaçada”. Contrariamente aos níveis 1 e 2, a atividade não se resume a uma repetição de movimentos básico, mas envolve objetivos e intenção, ainda que facilmente se interrompa a atividade quando um estímulo atraente surge. (p.28)

Já o bem-estar emocional é descrito, pelos mesmos autores, como crianças que ocasionalmente evidenciam sinais de desconforto (comportamentos sintomáticos), embora não predominantes, pois frequentemente verificam-se sinais positivos de bem-estar. Frequentemente, as crianças aparentam estar relaxadas, com relativa vitalidade e autoconfiança. O nível 3 é também atribuído a crianças que podem aparentar uma postura neutra: não existem sinais claros indicadores de tristeza ou prazer, conforto ou desconforto. As relações destas crianças com o mundo não são as ideais, mas também não são propriamente negativas e muito menos graves. Muitas vezes “desligam” do contexto e embora existam momentos de abertura, estes são pouco intensos. Estas crianças podem adotar atitudes assertivas e expressar os seus desejos e necessidades de formas adequadas, embora tenham momentos significativos em que experienciam sofrimento emocional, podendo necessitar de apoios pontuais para ultrapassar certas dificuldades. (p.22)

## 7. Organização e intervenção

Através da caracterização do meio é possível constatar que o mesmo proporciona pequenos incentivos e estímulos à criatividade, pois não apresenta um ambiente rico e diversificado em oportunidades lúdico-educativas oferecidas às crianças. Este fator, aliado ao facto de que as atividades e/ou momentos de expressão livre de âmbito criativo, dinamizadas pela educadora ao longo do estágio, eram raros ou inexistentes, constituíam um obstáculo ao desenvolvimento das crianças relativamente ao seu desempenho criativo. Assim, era possível observar que as crianças careciam de bastante ajuda e orientação do adulto para realizar essas mesmas atividades, constatando-se uma grande desmotivação.

Desta forma, e tendo em consideração toda a informação, será apresentado um quadro de análise, onde é referido o ambiente encontrado no local onde foi realizada a intervenção (situação real), o ambiente que gostaria de atingir (situação ideal), e serão também identificadas as estratégias para o alcançar (identificação de estratégias).

### Quadro 3

*Situação real, ideal e identificação de estratégias*

| Situação real                                                                                                                               | Situação ideal                                                                                                       | Identificação de estratégias                                                                              |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| -Crianças pouco envolvidas em atividades lúdico-criativas;                                                                                  | -Crianças envolvidas e motivadas;                                                                                    | -Criação de situações educativas estimuladoras do pensamento criativo;                                    |
| -Materiais disponibilizados nas várias áreas são utilizados de forma rotineira, o que leva a que as crianças realizem as mesmas produções e | -Ambiente rico e motivador, com materiais diversificados que motivem e estimulem o pensamento criativo nas crianças. | -Disponibilização de materiais não estruturados que permitam que as crianças explorem a sua criatividade; |

|                                                      |  |                                                                                                     |
|------------------------------------------------------|--|-----------------------------------------------------------------------------------------------------|
| utilizem pouco a sua criatividade;                   |  | -Implementação de atividades e momentos impulsionadores da criatividade, que estimulem as crianças. |
| -Ambiente muito pouco impulsionador da criatividade; |  |                                                                                                     |

### 7.1 Descrição da Intervenção

O projeto de intervenção didática que a seguir é apresentado foi implementado em cinco sessões, organizadas por cinco semanas, ao longo das quais optei por planificar atividades de maneira a alcançar os objetivos anteriormente definidos.

Assim, as cinco semanas foram organizadas da seguinte forma:

- Primeira semana** - avaliação diagnóstica das capacidades criativas das crianças;
- Segunda, terceira e quarta semana** - atividades estimuladoras da criatividade;
- Quinta semana** - balanço final e avaliação dos resultados;

De maneira a promover o desenvolvimento da criatividade, junto das crianças, optei por um projeto com atividades relacionadas com os interesses demonstrados pelas crianças ao longo do estágio.

#### • Primeira Semana

A primeira semana de intervenção consistiu na avaliação diagnóstica das capacidades criativas das crianças. Para esse efeito, foi construída, com a ajuda das crianças, uma teia de ideias acerca do que era para elas a criatividade. Ao longo da sua realização surgiu a ideia de construir, na sala, uma área onde pudessem ser disponibilizados materiais para que as crianças explorassem, utilizando a sua criatividade. Deste modo, foi adicionada à teia a seguinte pergunta: *que materiais queremos no nosso cantinho da criatividade?* A partir desta surgiram respostas como,

“cartolina”, “brilhantes”, “caixas de cartão”, “autocolantes”, entre outros materiais, que posteriormente foram disponibilizados no “Cantinho da Criatividade”.

As crianças realizaram ainda uma construção tridimensional livre, com diversos materiais, como tintas, reciclados, caixas, tampas de plástico, embalagens, rolos de papel, tecido, autocolantes, canetas, lápis, cola, tesoura, entre outros.

**Figura 5**

### Materiais utilizados na atividade de diagnóstico



Esta atividade tinha como **objetivos**:

- Compreender quais as capacidades das crianças apresentam perante uma atividade que necessite de capacidades criativas;
- Observar que tipo de materiais as crianças privilegiam para a concretização da atividade;
- Perceber de que forma as crianças exploram os materiais não estruturados;
- Verificar os resultados da sua construção na perspetiva da utilização da sua criatividade.

- **Segunda Semana - “Pincéis Mágicos”**

Na segunda semana teve como título, “Pincéis Mágicos”, esta consistiu na realização de uma pintura com diversos pincéis não tradicionais. Estes pincéis foram construídos previamente por mim, com recurso a molas e outros materiais diversificados, tais como algodão, penas, tecidos, entre outros. As crianças eram livres de pintar também com as suas próprias mãos ou de inventar elas próprias os seus próprios pincéis.

Posteriormente, as crianças tiveram a oportunidade de intitular a sua pintura e emoldurar a mesma para ser exposta na sala, com o intuito de recriar uma galeria de museu.

**Figura 7**

*Galeria”, Resultado final da*



**Figura 6**

*Pintura com pincéis não tradicionais*



Esta atividade tinha como **objetivos:**

- Promover com as crianças o contacto com materiais não-estruturados;
- Observar se as crianças faziam uso dos novos materiais;
- Perceber as reações das crianças aos novos materiais;
- Motivar as crianças através da exposição dos seus trabalhos.

- **Terceira Semana - “O meu superpoder”**

A terceira semana teve como mote o tema dos super-heróis, interesse manifestado pelas crianças ao longo do estágio.

Cada criança teve a oportunidade de responder à seguinte pergunta: *que superpoder eu gostava de ter?* e, partindo dessa resposta, escolher, para além do seu superpoder, o seu nome de super-herói.

Posteriormente, em conjunto, as crianças construíram os acessórios característicos dos super-heróis, tais como a armadura, os óculos e as braçadeiras. Cada criança teve total liberdade criativa. Estes acessórios foram posteriormente utilizados nas brincadeiras das crianças.

**Figura 8**

*Resultado final da atividade “O meu superpoder”*



**Figura 9**

*Resultado final da atividade “O meu superpoder”*



Esta atividade tinha como **objetivos:**

- Perceber quais os materiais escolhidos pelas crianças para as suas criações;
- Estimular nas crianças a sua criatividade oral, através da escolha do nome e do superpoder;

-Entender de que forma os novos materiais eram utilizados no ato de brincar.

- **Quarta Semana- “Vamos explorar”**

A quarta semana teve como temática a exploração do exterior, interesse também demonstrado pelas crianças.

Num primeiro momento, reuni com as crianças e em diálogo decidimos que instrumentos eram necessários para explorar o espaço exterior. Algumas das respostas que obtive foram, “lupas”, “binóculos”, “lupas” e “câmaras”. Assim, cada criança, construiu, com recurso a materiais reciclados, pelo menos um destes instrumentos.

Posteriormente, o grupo teve a oportunidade de explorar o exterior com os instrumentos contruídos.

Quando as crianças regressaram à sala, construíram em pasta de modelar o que tinham observado no exterior e iniciaram a realização da maquete do espaço exterior do jardim de infância. Numa segunda parte da atividade, pedi que imaginassem o que gostariam de ter no exterior do jardim de infância – assim, utilizando a sua criatividade, as crianças complementaram a maquete iniciada.

**Figura 10**

*Instrumentos contruídos pelas crianças para explorar o exterior*



**Figura 11**

*Maquete Final*



Com esta atividade pretendeu-se alcançar os seguintes **objetivos**:

- Observar se as crianças faziam uso dos novos materiais;
- Perceber as reações das crianças aos novos materiais;
- Motivar as crianças através de um interesse em comum (exploração do exterior);
- Perceber as diferentes reações das crianças ao representar situações reais e ao representar situações imaginárias;

- **Quinta Semana**

A última semana teve como objetivo avaliar a evolução das crianças ao longo das cinco semanas de intervenção. Para esse efeito foi realizada a mesma atividade dinamizada na primeira semana.

- **“Cantinho da Criatividade”**

Em simultâneo, foi criada também uma nova área na sala, nomeada pelas crianças de “*Cantinho da Criatividade*”. Esta área tinha como objetivo criar, na sala, um espaço onde as crianças pudessem explorar, criar e brincar com os diversos materiais disponibilizados.

O *Cantinho da Criatividade* estava equipado com uma mesa, um sofá e um armário aberto, adequado à altura das crianças, onde estavam armazenados todos os materiais disponíveis para as crianças explorarem livremente.

No que diz respeito aos materiais tentei disponibilizar a maior diversidade possível, assim, alguns dos materiais que poderíamos encontrar no armário eram purpurinas, tecidos, lã, cola, restos de cartolinas e EVA, massas de modelas (barro), rolas, caixas de cartão, embalagens, garrafas de água, garrafas, caixas de ovos, tampas, pincéis, lápis de cor, canetas, marcadores, folhas, tesouras, autocolantes, feltro, cartão, entre outros.

**Figura 12**

*Cantinho da Criatividade*



Ao longo das cinco semanas foram surgindo diversos momentos não planeados, são de salientar os seguintes:

**-Criação de uma bandeira decorativa para o *Cantinho da Criatividade*.**

Surgiu, por parte das crianças, a ideia de que esta área necessitava de alguma decoração, assim, em conjunto, construímos com recurso à técnica de pintura com espuma de barbear, uma bandeira com a palavra *criatividade*.

**Figura 14**

*Realização da pintura com espuma de barbear*



**Figura 13**

*“Cantinho da Criatividade” finalizado*



**-Realização de construções, com materiais recolhidos pelas crianças em casa**

Ao longo das semanas, algumas crianças, espontaneamente, recolheram materiais recicláveis em casa para criarem construções no *Cantinho da Criatividade*.

**Figura 15**

*Produção final*



**-Criações livres das crianças**

Ao longo das semanas, as crianças exploraram os diversos materiais e criaram diversas produções.

**Figura 17**



*-Criação livre utilizando a forma das mãos*

**Figura 16**



*Criação livre com recurso a guaches*

## 8. Apresentação e análise dos resultados

Em primeiro lugar serão apresentados, como referido anteriormente, os dados referentes ao bem-estar emocional e aos níveis de implicação. De seguida serão analisados os dados referentes aos indicadores de criatividade demonstrados pelo grupo ao longo do projeto.

Como descrito anteriormente, este projeto procurou desenvolver com crianças, em idade pré-escolar, estratégias e atividades que promovessem o desenvolvimento da sua criatividade. Analisámos então, os níveis de bem-estar que as crianças demonstraram ao longo das semanas.

### Quadro 4

#### *Bem-estar emocional*

|                                    | Bem-estar Emocional |         |         |         |         |
|------------------------------------|---------------------|---------|---------|---------|---------|
|                                    | Nível 1             | Nível 2 | Nível 3 | Nível 4 | Nível 5 |
| <b>Semana 1 (Avaliação 1)</b>      |                     |         | X       |         |         |
| <b>Semana 2 (Pincéis mágicos)</b>  |                     |         | X       |         |         |
| <b>Semana 3 (O meu superpoder)</b> |                     |         |         | X       |         |
| <b>Semana 4 (Vamos explorar?)</b>  |                     |         |         |         | X       |
| <b>Semana 5 (Avaliação 2)</b>      |                     |         |         |         | X       |

No decorrer das cinco semanas foi possível observar um crescimento gradual dos níveis de bem-estar emocional demonstrados pelas crianças. Na primeira semana, onde foi pedido que elaborassem uma construção livre com diversos materiais, foi interessante observar a animação geral, demonstrada pelo grupo, por poderem criar algo de forma livre, atividade que normalmente não lhes era permitida. Algumas crianças demonstraram alguma estranheza com alguns materiais, por nunca terem contactado com os mesmos.

Na semana seguinte, as crianças continuavam a demonstrar comportamentos do nível 3 de bem-estar emocional, caracterizado por

Médio/Neutro ou flutuante – As crianças cotadas com o nível 3, parecem estar “bem”. Ocasionalmente evidenciaram sinais de desconforto (comportamentos sintomáticos), mas estes não eram predominantes, pois frequentemente verificaram-se sinais positivos de bem-estar. Frequentemente, as crianças aparentaram estar relaxadas, com relativa vitalidade e autoconfiança. O nível 3 é também atribuído a crianças que aparentaram uma postura neutra: não existiram sinais claros, indicando propriamente tristeza ou prazer, conforto ou desconforto. (Portugal & Laevers, 2010, p. 22)

Nas semanas seguintes, **Figura 18**

todas as crianças apresentavam níveis superiores de bem-estar emocional (descrição completa dos níveis 4 e 5 no apêndice 3). As crianças demonstravam estar relaxadas, felizes e satisfeitas com as atividades desenvolvidas, frequentemente realizavam comentários sobre o quão felizes

*Criança a realizar a última atividade planeada*



estavam pelo resultado final das suas produções

No que diz respeito aos dados referentes aos níveis de implicação demonstrados pelas crianças, estes foram também apresentando um crescimento gradual ao longo das semanas do projeto.

#### Quadro 5

##### *Implicação*

|                                    | Implicação |         |         |         |         |
|------------------------------------|------------|---------|---------|---------|---------|
|                                    | Nível 1    | Nível 2 | Nível 3 | Nível 4 | Nível 5 |
| <b>Semana 1 (Avaliação 1)</b>      |            |         | X       |         |         |
| <b>Semana 2 (Pincéis mágicos)</b>  |            |         | X       |         |         |
| <b>Semana 3 (O meu superpoder)</b> |            |         |         | X       |         |
| <b>Semana 4 (Vamos explorar?)</b>  |            |         |         |         | X       |
| <b>Semana 5 (Avaliação 2)</b>      |            |         |         |         | X       |

**Figura 19**

Nas primeiras semanas do projeto as crianças apresentaram um nível de implicação médio, nível 3, que é descrito por Portugal e Laevers (2010), como “atividade mais ou menos continuada ou atividade sem grande intensidade – O nível 3 atribui-se às crianças que estão usualmente envolvidas em diversas atividades mas raramente ou nunca se verifica “intensidade” (p.22). As crianças realizaram as atividades e demonstravam gosto e vontade de

*Criança a realizar a primeira atividade planeada*



conhecer e explorar os diversos materiais, mas como ainda não estavam familiarizadas com atividades do género e por nunca terem contactado com alguns dos materiais apresentados, muitas vezes distraíam-se com o ambiente à sua volta e perdiam o foco na atividade.

Nas restantes três semanas do projeto as crianças foram apresentando cada vez mais interesse pelas propostas, não só por se tratarem de atividades diferentes das que estavam habituados a realizar no quotidiano, mas também por se basearem nos seus interesses ao longo do tempo. Também contribuiu para a sua evolução o facto de as crianças se irem habituando ao contacto com materiais não tradicionais e a serem estimuladas a utilizar o seu pensamento criativo, deixando-as cada vez mais confortáveis. Assim, considero que as crianças estiveram num nível quatro de implicação, que é descrito como

Alto – Atividade com momentos intensos – O nível 4 atribui-se às crianças que usualmente estão ativas, verificando-se frequentemente sinais claros de implicação. A atividade é significativa para a criança que parece funcionar nos limites das suas capacidades. Acontecem momentos de intensa atividade mental, a criança sente-se desafiada e a sua imaginação é estimulada. (p.28)

(descrição completa em anexo 4 ),

uma vez que as crianças se encontravam focadas e muito envolvidas nas atividades dinamizadas.

**Figura 21**

*Exploração do exterior com os instrumentos construídos*



**Figura 20**

*Pintura com pinceis não tradicionais*



**Figura 22**

*Modelação de argila*



No que diz respeito aos indicadores de criatividade definidos anteriormente, de seguida serão apresentados o resultado desse levantamento de dados.

**Quadro 6**

*Índices de Criatividade ao longo do projeto*

|                                  |                                           | Semana<br>1 | Semana<br>2 | Semana<br>3 | Semana<br>4 | Semana<br>5 |
|----------------------------------|-------------------------------------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| <b>Originalidade</b>             | Utilização de materiais não tradicionais  |             |             | X           | X           | X           |
|                                  | Não imitar o colega                       |             |             |             | X           | X           |
|                                  | Apresentação de ideias originais          |             |             | X           | X           | X           |
| <b>Iniciativa/<br/>Autonomia</b> | Ser autónomo na realização das atividades |             | X           |             | X           | X           |
|                                  | Ser autónomo na seleção dos materiais     |             |             | X           | X           | X           |

Na primeira semana de intervenção as crianças mostraram-se um pouco receosas e confusas, pois nunca tinham tido a oportunidade de criar livremente e sem limitações. Não sabiam como agir e de que forma se deviam comportar, mas com o decorrer da atividade foram ficando cada vez mais confiantes e motivadas. As crianças demonstram-se envolvidas no desenvolvimento de toda a atividade, sendo que o meu papel foi de acompanhamento e observação. Foi perceptível que as crianças demonstravam algumas dificuldades em organizar o processo de trabalho, procurando a ajuda dos colegas ou do adulto para terminar a tarefa. Assim, existiram 15 crianças que necessitaram de ajuda e apoio mais individualizado, tanto para chegarem à intenção do que pretendiam elaborar, como na própria construção do objeto. Foi também possível

observar que muitas crianças reproduziram o que viam nas produções dos colegas, quanto à escolha de alguns elementos que compunham a sua construção.

As crianças mostraram bastante à vontade com a grande parte dos materiais, visto já terem tido contacto com estes anteriormente, são exemplo, as tintas, pincéis, canetas, lápis, cola e tesoura. No que diz respeito aos materiais reciclados, as crianças demonstraram alguma estranheza, pois não sabiam de que maneira os deveriam manipular. A grande maioria das crianças construiu um objeto real, como por exemplo, uma casa, um microfone, um carro, um castelo, um foguetão, um trator, uma coroa, um avião, pulseiras e colares, princesas e borboletas.

Existiram duas crianças que, naquele momento, se mostraram um pouco mais criativas que as restantes, os objetos construídos por estas foram, uma caixa decorada para servir de arrumação para a área da criatividade e um bruxa, para a qual a criança desenvolveu um história e lhe atribuiu um nome.

No que diz respeito à segunda semana, a semana dos “Pincéis Mágicos”, decidi organizar as crianças em pequenos grupos para que o acompanhamento e observação fosse mais eficaz.

Ao longo de toda a atividade, as crianças mostraram-se bastante empolgadas, motivadas e envolvidas. No início da atividade revelaram bastante estranheza na manipulação dos materiais disponibilizados, visto serem “pincéis” não tradicionais e, por isso, diferentes do que, habitualmente utilizam para a realização deste tipo de trabalho. Desta forma, o pincel mais utilizado pelas crianças foi o cotonete e o menos utilizado foi a pena. Este comportamento pode ser explicado pela facilidade de manipulação que o cotonete oferece.

As crianças demonstraram ainda muita necessidade de ajuda na escolha dos materiais que iriam utilizar na atividade, por vezes pediam ajuda na escolha do que desenhar.

Quanto às ideias apresentadas foi possível observar alguma evolução, as pinturas apresentadas eram cada vez mais sobre algo imaginado pelas crianças, em vez de situações simples e reais. A exposição dos trabalhos das crianças foi também um ponto bastante positivo, o grupo ficou muito empolgado por ver o seu trabalho e o dos colegas expostas na sala.

**Figura 24**

*Criança a experimentar novas técnicas de pintura*



**Figura 23**

*Pintura realizada na semana dos “Pinceis Mágicos”*



Quanto à terceira semana, que incidiu sobre o tema “O meu Superpoder”, foi bastante perceptível o maior à vontade das crianças com os materiais, este fato pode ser relacionado com a implementação do *cantinho da criatividade*, que permitiu que as crianças explorassem a sua criatividade e tivessem contacto com os diversos materiais assim que achassem pertinente. Algumas crianças do grupo já procederam sem reproduzir as construções dos colegas e foi notória a apresentação de ideias não previsíveis, que vinha a acontecer nas semanas anteriores, as crianças escolheram nomes e superpoderes originais e, nalguns casos, apresentaram um enredo para o seu personagem.

O *cantinho da criatividade* passou a ser um espaço de eleição das crianças para as suas brincadeiras livres, tendo surgido diversas oportunidades lúdico-educativas, as crianças sentiam que naquele espaço podiam ser elas próprias e expressar-se da forma que considerassem mais pertinente. Foram realizadas diversas construções, pinturas, desenhos, entre outros. Esta área constituiu, portanto, um enorme impulsionador da criatividade nas crianças.

Figura 25

*Criança feliz com o resultado final do seu trabalho*



Na quarta semana, a semana “*Vamos explorar?*”, ao nível da criatividade, há um aspeto relevante a salientar relativamente às próprias ideias, pois, a maioria das crianças já foi capaz de expor as suas ideias, colocando-as em prática. Não existiram crianças que copiassem as ideias dos colegas, não apresentando tendência para imitar aquilo que estava a ser feito à sua volta. Mais uma vez, os materiais construídos no decorrer da atividade serviram de adereços para as brincadeiras nos dias que se seguiram, as crianças criaram histórias que se passam no cenário criado e brincaram aos “exploradores” no exterior com os adereços realizados, o que mais uma vez estimulou a sua criatividade para imaginar histórias e personagens criativas.

Por fim, na quinta e última semana foi dinamizado, novamente, a atividade realizada na primeira semana, para que assim pudesse ser verificado se tinha existido ou não uma evolução nas produções das crianças.

Como é possível observar através da comparação das construções realizadas na primeira e na última semana (consultar anexo 2), é notória a enorme evolução das crianças nas suas construções. Os produtos realizados pelas mesmas são mais complexos, menos óbvios e realizados com materiais diferentes de todos aqueles que tinham vindo a utilizar nas atividades anteriores. Todos os participantes agiram sem se preocuparem com aquilo que estava a ser elaborado pelos seus colegas, não existindo intenção de se imitarem.

Quanto à iniciativa/autonomia é possível observar uma evolução relativamente à primeira semana, as crianças mostraram-se muito mais à vontade e confiantes, não necessitaram de ajuda dos colegas ou do adulto para a concretização da atividade. O mesmo foi observado no que diz respeito à escolha dos materiais a utilizar, uma vez que todas as crianças fizeram a seleção autonomamente.

Assim, apresentamos a seguinte tabela que contabiliza o número de crianças que apresentavam os indicadores de criatividade e autonomia antes e depois da implementação do projeto.

**Tabela 2**

*Resultados Finais*

|                             |                                           | <b>Antes da<br/>implementação<br/>do projeto</b> | <b>Depois da<br/>implementação<br/>do projeto</b> |
|-----------------------------|-------------------------------------------|--------------------------------------------------|---------------------------------------------------|
| <b>Originalidade</b>        | Utilização de materiais não tradicionais  | 3                                                | 20                                                |
|                             | Não imitar o colega                       | 2                                                | 20                                                |
|                             | Apresentação de ideias originais          | 2                                                | 19                                                |
| <b>Iniciativa/Autonomia</b> | Ser autónomo na realização das atividades | 5                                                | 18                                                |
|                             | Ser autónomo na seleção dos materiais     | 5                                                | 20                                                |

É possível observar que houve uma grande evolução em todos os indicadores. No que diz respeito à originalidade, inicialmente as crianças optavam pelo mesmo tipo de materiais (folhas brancas, canetas, tintas, cartolina, etc) por se tratar de materiais

com os quais já estavam familiarizados. Nas últimas sessões todas as crianças já faziam uso de outro tipo de materiais, tais como o tecido, os materiais recicláveis, as purpurinas, entre outros, isto pode estar relacionado ao facto de que estes foram cada vez mais tornando-se materiais de uso comum e do alcance das crianças.

Nas sessões iniciais, as crianças apresentam tendência para imitar os colegas e as suas ideias, sobretudo na escolha dos materiais, por serem atividades com as quais não estavam habituados a trabalhar. Esta tendência veio a dissipar-se ao longo do projeto, não só por se começarem a familiarizar com este tipo de atividades, mas também pela implementação do *Cantinho da Criatividade* que fez com que as crianças tivessem um espaço para se expressar livremente, sem sentirem receio de arriscar e de expressar.

Inicialmente as crianças realizavam apenas construções simples e regulares, não apresentando ideias diferentes ou originais, estas limitavam-se a fazer o que era estritamente necessário para a concretização da atividade, não indo muito além do básico, o que, uma vez mais pode ser explicado pelo facto de não estarem acostumados a este tipo de desafios. Muitas vezes, as atividades apresentadas pela educadora eram limitadoras em termos criativos, a docente não permitia que as crianças se expressassem livremente, o que acabou por criar nas crianças receio de se exporem e de fazerem aquilo que “lhes apetecia” verdadeiramente. Esta atitude foi-se dissipando ao longo do projeto, tentei elogiar todas as suas tentativas criativas, fazendo com que se sentissem valorizadas e à vontade. Assim, gradualmente, as crianças foram apresentando atitudes e produtos finais criativos e originais.

Quanto à iniciativa/autonomia, o grupo, mais uma vez, foi demonstrando cada vez mais autonomia na realização das diversas atividades. Todas as crianças manifestaram interesse em participar nas propostas apresentadas, expressando uma atitude positiva e entusiasmo ao longo da sua concretização.

Inicialmente, os participantes sentiam necessidade de procurar o adulto ou os colegas tanto para a organização do trabalho, como para a concretização do mesmo, uma vez que este tipo de dinâmica eram novidade para todos e estes sentiam dificuldades em saber como agir quando confrontados com este tipo de propostas. Com

a evolução da segurança e confiança em si próprios, foi também crescendo a autonomia demonstrada pelas crianças.

Após a análise dos dados, considero que as atividades que desenvolvi permitiram atingir o efeito esperado, levando as crianças a demonstrar atitudes criativas. É notória a evolução dos indicadores de criatividade, que aliados aos níveis de bem-estar emocional e de implicação, confirmaram os resultados positivos que obtive no final do estudo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nos capítulos anteriores foram apresentadas as bases teórica e prática que suportaram este estudo e que me permitiram retirar conclusões que sustentaram este projeto e os objetivos por mim delineados. Assim, chegada à fase final, é possível concluir que este estudo é bastante oportuno, uma vez que a criatividade se apresenta, não só, como um aspeto fundamental ao currículo de qualquer aluno, como também ao seu desenvolvimento integral enquanto cidadão.

Considero também que proporcionei às crianças momentos de aprendizagem ricos e diversificados, tendo sempre em conta os seus interesses, necessidades e potencialidades, contribuindo, assim, para o desenvolvimento da sua atitude criativa.

Contrariando as propostas da educadora titular do grupo, tentei oferecer às crianças atividades lúdicas e dinâmicas, que fomentassem a sua criatividade. Assim, ao longo das semanas, era notório o facto de todos os participantes apresentarem, cada vez mais, potencial criativo que só necessitava de ser estimulado. Ao disponibilizar recursos que aumentavam a possibilidade de inovar, o grupo demonstrou que existia, em cada um, a capacidade de criar e experimentar novos conceitos. É, portanto, fundamental que os docentes tenham a noção que as crianças nascem com uma predisposição criativa e só necessitam que a mesma seja estimulada diariamente.

Respondendo à questão-problema, posso concluir que a criatividade pode ser estimulada de diversas formas, tanto com propostas dinâmicas, tal como as que implementei, como com atividades que façam com que as crianças se desafiem a si próprias, estratégia coadjuvada pelo papel fundamental do adulto e do ambiente contextual. Se o professor apresentar uma atitude positiva, fortalecendo e incentivando o grupo, as crianças vão sentir-se confortáveis e confiantes para expor as suas ideias e pensamentos. Se, pelo contrário, passar uma atitude negativa, de punição e restrição, a expressão criativa irá ser prejudicada e inibida. Para promover a criatividade é, portanto, necessário que se criem, desde muito cedo, oportunidades que envolvam as crianças no seu processo de ensino-aprendizagem, com o objetivo de tornar o poder criativo em ação criativa.

Quanto às limitações do estudo, destaca-se o facto das observações e análises estarem sujeitas à subjetividade e interpretação do investigador e, também o curto período de tempo em que decorreu a investigação.

Apesar das limitações apontadas, ao recuar no tempo e analisando todos os momentos vividos, considero que todas as dificuldades foram ultrapassadas, tendo cumprido todos os objetivos por mim delineados, ao conseguir implementar propostas estimulantes do ponto de vista criativo e desenvolver uma área que estimulasse o pensamento crítico. Todas estas dificuldades foram superadas e ajudaram-me a crescer enquanto pessoa e futura educadora de infância.

No que diz respeito a investigações futuras, considero fundamental que se continuem a desenvolver estudos no âmbito da criatividade, especialmente associada ao contexto de jardim de infância, uma vez que a promoção da criatividade desde da primeira infância é essencial. É primordial que se estimule o pensamento, a observação, a exploração, a elaboração de hipóteses, a criação, a ação, a pesquisa, a colaboração e, por fim a reflexão nas crianças.

Em suma, este projeto foi desenvolvido assumindo o desígnio de que, para promover o desenvolvimento da criatividade, é necessário um ambiente no qual as crianças se sintam seguras, capazes, onde o erro seja visto como um passo no caminho da evolução pessoal e uma oportunidade para aprender, onde arriscar é uma atitude aceite pelos adultos e onde todas as ideias são acolhidas sem julgamento. Foi apoiada nestes princípios que implementei este projeto, fornecendo às crianças um espaço de liberdade, onde cada uma se pudesse expressar sem limitações, explorando o seu imaginário, errando e voltando a fazer de novo

## **BIBLIOGRAFIA**

Amabile, T. (1999, janeiro/fevereiro) Como (não) matar a criatividade. *HSM Management*, Ano2, pp. 111-116, nº12.  
[https://edisiplinas.usp.br/pluginfile.php/368807/mod\\_folder/content/0/Como%20Nao\\_%20Matar\\_Criatividade.pdf?forcedownload=1](https://edisiplinas.usp.br/pluginfile.php/368807/mod_folder/content/0/Como%20Nao_%20Matar_Criatividade.pdf?forcedownload=1)

Bahia, S. (2007). *Psicologia da Criatividade. Manual de Apoio para a disciplina de Psicologia da Criatividade*. (Dissertação de Mestrado, Escola Superior de Teatro e Cinema, Lisboa, Portugal). <https://pdfcoffee.com/bahia-sara-psicologia-da-criatividade-pdf-free.html>

Bento, A. (2012, abril). Investigação quantitativa e qualitativa: Dicotomia ou complementaridade? *Revista Já*, nº 64, ano VII, 40-43.

Boden, M., & Eysenk, H., & Gardner, H., & Gigerenzer, G., & Martindale, C., & Perkins, D., & Schaffer, S. (1999). *Dimensões da Criatividade*. Porto Alegre.

Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto Editora.

Cardoso, A. (2015). *Educação para o Empreendedorismo: promoção da criatividade na educação pré-escolar*. (Dissertação de Mestrado, Universidade de Aveiro) Repositorio Comum.  
<http://hdl.handle.net/10773/16522>

"criatividade", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/criatividade> [consultado em 25-02-2021].

- Dias, A. & Moura, K. (2007). Criatividade na rede: a potencialização de ideias criativas em ambientes hipertextuais de aprendizagem. *Ciências & Cognição*, Vol. 12, 62- 71. <http://www.cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/view/645/427>
- Folque, M. (1999). *A influência de Vigotsky no Modelo Curricular do Movimento da Escola Moderna para a Educação Pré-Escolar*. Escola Moderna, nº 5, 5ª série. [http://centrorecursos.movimentoescolamoderna.pt/dt/1\\_2\\_0\\_mod\\_pedag\\_mem/120\\_c\\_02\\_infl\\_vigostky\\_pre\\_afolque.pdf](http://centrorecursos.movimentoescolamoderna.pt/dt/1_2_0_mod_pedag_mem/120_c_02_infl_vigostky_pre_afolque.pdf)
- Fonseca, A. (1990). *A Psicologia da Criatividade. À Luz Biográfica de 4 Génios*. Escher Publicações.
- Fonseca, K. (2012, setembro/dezembro) Investigação-Ação: Uma metodologia para prática e reflexão docente. *Revista Onis Ciência*, V.I, N.º2, <https://revistaonisciencia.com/wp-content/uploads/2020/02/2ED02-ARTIGO-KARLA.pdf>
- Freire, L. G. (2007, agosto/setembro). O Papel da escola na importância da criatividade. *A Página da Educação*, nº 70, p. 40-46.
- Fróis, J.; & Marques, E. & Gonçalves, R. (2000). A educação estética e artística na formação ao longo da vida. In J.P. Fróis (Coord.), *Educação estética e artística: abordagens transdisciplinares*. Edição Fundação Calouste Gulbenkian, p. 201-243.
- Garcês, S. (2014) *A multidimensionalidade da criatividade: a pessoa, o processo, o produto e o ambiente criativo no ensino superior* (Dissertação de Doutoramento, Universidade da Madeira) Repositório Comum. <http://hdl.handle.net/10400.13/546>

Gloton, R. & Clero, C. (1974). *A actividade criadora na criança*. Editorial Estampa.

Gonçalves, E. (1991). *A arte descobre a criança*. Raiz Editora.

Lei n.º 46/86, de 14 de outubro – aprova a Lei de Bases do Sistema Educativo.

Lowenfeld, V. & Brittain, W.I. (1974). *O desenvolvimento da capacidade criadora*. Mestre Jou.

Marin, A. (1976). *Educação, Arte e Criatividade*. Pioneira.

Morais, M. (2001). *Psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem*. Editorial Presença.

Oliveira, R. (2012). *Um Programa de Treino da Criatividade*. (Dissertação de Mestrado, Universidade da Madeira) Repositório Comum. <http://hdl.handle.net/10400.13/539>

Oliveira, E. & Alencar, E. (2008) Características de Professores Criativos e de Coordenadores que Estimulam a Criatividade Docente. *Bol. Acad. Paulista de Psicologia*, São Paulo, Brasil, 30, 379-292. <https://www.redalyc.org/pdf/946/94615412011.pdf>

Paiva, B. (2006) *Urbanidade e educação Cultural: estudo em caso em supervisão ecológica* (Dissertação de Mestrado) Universidade de Aveiro.

Parkhurst, H. (1999). Confusion, lack of consensus, and the definition of creativity as a construct. *Journal of Creative Behavior*, 33(1), 1-21.

- Pelaes, M. (2010). Uma reflexão sobre o conceito de criatividade e o ensino da arte no ambiente escolar. *Revista Educação*. <http://revistas.ung.br/index.php/educacao/article/view/537>
- Piaget, J. (1978). *A formação do símbolo na criança: Imitação, Jogo e Sonho, Imagem e Representação*. (3ª edição). Zahar Editores.
- Portugal, G., Larvers, F. (2011). *Avaliação em educação pré-escolar*. Porto Editora.
- Rouquette, M. (1973). *A criatividade*. Edição Livros do Brasil.
- Rodrigues, O. & Melchiori, L. (2014) *Aspetos do desenvolvimento na idade escolar e na adolescência*. <http://acervodigital.unesp.br/handle/unesp/155338>
- Sanchez, M., Martínez, O., & García, C. (2003). *La creatividad en el contexto escolar: Estrategias para favorecerla*. Pirámide.
- Santos, M., & André, M. (2012). Criatividade na educação de infância: algumas reflexões. *Cadernos de Educação de Infância*, número 96, 43-46.
- Santos, M., & André, M. (2015). Concepções de educadores de infância sobre criatividade. *Revista Investigar em Educação*, IIª série, número 4, 97-112.
- Seabra, J. (2007). Criatividade. *Psicologia: O portal dos psicólogos*.

- Silva, I., Marques, L., Mata, L., & Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar*. Ministério da Educação/ Direção Geral de Educação (DGE).
- Sousa, S (2014) *Criatividade e Regulamentação Emocional* [Tese de Mestrado, Universidade de Lisboa] Repositório Comum. <http://hdl.handle.net/10451/18104>
- Sousa, M., & Baptista, C. (2011). *Como fazer Investigação, Dissertações, Teses e Relatórios* (2ª edição). Pactor Editora.
- Torrance, P. (1977). *Creativity in the classroom; What research says to the teacher*. <https://eric.ed.gov/?id=ED132593>
- Torre, S. (2005). *Dialogando com a Criatividade – da identificação à criatividade paradoxal*. Madras
- Urquijo, S (1996) *Criatividade: Relações entre concepções fatorialistas e a piagetiana* (Dissertação de Doutoramento, Universidade Estadual de Campinas). Acta Académica <https://www.aacademica.org/sebastian.urquijo/27>
- Wechsler, S. M. (1998). Avaliação multidimensional da criatividade: uma realidade necessária multidimensional. *Psicologia Escolar e Educacional*, 2, 89-99.

## **ANEXOS**

## 1.Consentimento Informado

### CONSENTIMENTO INFORMADO

Exmo (a) Senhor (a) Encarregado (a) da Educação

**Assunto:** Pedido de consentimento informado para participação no processo de realização do Relatório Final de Bruna Pereira, no âmbito da realização dos seus estudos de mestrado em Educação Pré-Escolar na Escola Superior de Educação de Coimbra

O Relatório Final referido tem como temática geral, "Como estimular a criatividade na Educação Pré-Escolar" – temática que elige a importância da criatividade na infância, dado que, quanto mais e melhores forem as oportunidades de contacto das crianças com práticas criativas, mais possibilidade terão de, no futuro, serem pessoas críticas e capazes de responder ao desafio do mundo em mudança.

#### 1. Descrição

A intervenção realizar-se-á através da implementação de uma atividade numa zona da sala, a qual pretende a estimulação da criatividade nas crianças, tendo em vista a exploração de diversos materiais e técnicas. Os dados recolhidos apoiar-se-ão nos elementos desenvolvidos pelas crianças ao longo do processo.

#### 2. Riscos

Este projeto não implica riscos para as crianças, já que a segurança e o anonimato relativamente aos alunos intervenientes estarão assegurados.

#### 3.Confidencialidade:

A informação obtida será estritamente confidencial.

Os resultados dos estudos serão objeto de análise, por mim e pelo meu orientador, passando a constar do meu Relatório Final, podendo ser apresentados em eventos científicos, sendo mantida a confidencialidade da identidade dos participantes e do local onde decorreram.

A participação das famílias e educandos é totalmente voluntária, sendo que podem desistir da mesma a qualquer momento do processo, mesmo que tenham concordado em participar.

.....destacar e entregar à Educadora.....

### CONSENTIMENTO

Li e compreendi toda a informação contida neste documento.

Concordo e aceito a minha participação e a do meu educando no processo.

Nome da criança

\_\_\_\_\_

Nome do/a Encarregado/a de Educação

\_\_\_\_\_

Assinatura do/a Encarregado/a de Educação

\_\_\_\_\_

Data \_\_\_\_\_

## 2.Comparação dos trabalhos das crianças



### Descrição:

Atividade 1 “É a minha casa”

Atividade 2 “É um índio que tem penas no cabelo que são mágicas, eles fazem tudo o que o menino pedir”



### Descrição:

Atividade 1 “É uma rainha”

Atividade 2 “É a caixa para eu guardas todas as coisas mais importantes para mim para nunca as perder”



Atividade 1 “É um carro”

Atividade 2 “É o monstro dos olhos”



### Descrição:

Atividade 1 “Uma pulseira”

Atividade 2 “É uma mochila para eu guardar todas as minhas coisas para trazer para a escola”



**Descrição:**

Atividade 1 “É uma bruxa que faz magia, o nome dela é Neusa”

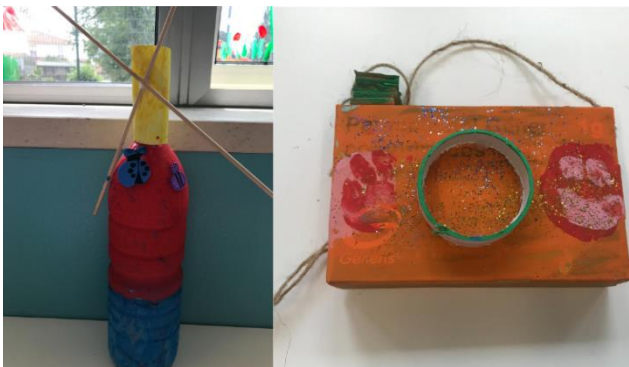
Atividade 2 “Esta é a minha carteira mágica, quando eu ponho a mão aqui sai todos os brinquedos que eu quero”



**Descrição:**

Atividade 1 “É um avião”

Atividade 2 “Isto é uma fábrica para fazer todos os brinquedos do mundo, colocamos de um lado e sai do outro”



**Descrição:**

Atividade 1 “É um moinho”

Atividade 2 “Esta é a minha camara mágica, quando eu clico no botão a máquina leva-me para outros sítios muito bonitos, onde eu posso brincar com os meus amigos”



**Descrição:**

Atividade 1 “É um carro”

Atividade 2 “Isto é um foguetão, onde eu vou poder colocar os meus bonecos para eles voarem muito longe, até ao espaço”



**Descrição:**

Atividade 1 “É uma borboleta muito colorida”

Atividade 2 “Esta carteira tem muitos segredos, tem uma carta secreta e um telemóvel que liga para pessoas mágicas”



**Descrição:**

Atividade 1 “Uma coroa de princesa rosa”

Atividade 2 “É o meu pai, a minha mãe e a mana, que estão sempre dentro do meu coração porque eu gosto muito deles”



**Descrição:**

Atividade 1 “É um anjo”

Atividade 2 “É uma caixa de chocolate mágica porque o chocolate nunca acaba”



**Descrição:**

Atividade 1 “É um castelo”

Atividade 2 “Isto é uma casa muito grande com um baloiço em cima. Atrás está a família que vive toda junta e são muito felizes”



**Descrição:**

Atividade 1 “É um microfone para eu cantar”

Atividade 2 “É uma maraca para eu tocar música, sempre que eu clico nos botões sai uma nota diferente, eu gosto muito de música”



**Descrição:**

Atividade 1 “É o castelo da Cinderela”

Atividade 2 “É um parque que eu quero ter em casa, onde dá para escorregar e brincar com os amigos, quero que tenha muitas cores e flores”



**Descrição:**

Atividade 1 “É uma rainha”

Atividade 2 “É a caixa do tesouro, cá dentro tenho muito ouro e brilhantes, esta caixa tem que ficar bem guardada porque têm muitas coisas importantes”



**Descrição:**

Atividade 1 “É uma boneca”

Atividade 2 “É uma câmara que tira fotos mágicas, as fotos aparecem logo e nós ficamos muito bonitas”



**Descrição:**

Atividade 1 “É o fundo do mar”

Atividade 2 “É um aquário, com muitos peixes coloridos, também tem as pedrinhas do fundo do mar”



**Descrição:**

Atividade 1 “É o trator do meu avô”

Atividade 2 “É uma nave espacial que vai para o espaço, ver as estrelas e a lua, em cima estou eu, que vou ser o astronauta”



**Descrição:**

Atividade 1 “É um colar”

Atividade 2 “Isto é uma televisão, onde está a dar os meus bonecos preferidos, tem aqui o comando para eu poder ver mais coisas”



**Descrição:**

Atividade 1 “É uma caixa para guardar as coisas mais importantes”

Atividade 2 “É a minha família, todos estão no meu coração, eu gosto muito deles”

## 5. Bem-estar emocional

|                             | Bem-estar Emocional |         |         |         |         |
|-----------------------------|---------------------|---------|---------|---------|---------|
|                             | Nível 1             | Nível 2 | Nível 3 | Nível 4 | Nível 5 |
| Semana 1 (Avaliação 1)      |                     |         | X       |         |         |
| Semana 2 (Pincéis mágicos)  |                     |         | X       |         |         |
| Semana 3 (O meu superpoder) |                     |         |         | X       |         |
| Semana 4 (Vamos explorar?)  |                     |         |         |         | X       |
| Semana 5 (Avaliação 2)      |                     |         |         |         | X       |

### 1.1 Descrição completa dos níveis 3,4 e 5 de bem-estar emocional

Portugal & Laevers (2010) descrevem o **nível 3** de bem-estar emocional como Médio/Neutro ou flutuante – As crianças cotadas com o nível 3, parecem estar “bem”. Ocasionalmente evidenciam sinais de desconforto (comportamentos sintomáticos), mas estes não são predominantes, pois frequentemente verificam-se sinais positivos de bem-estar. Frequentemente, as crianças aparentam estar relaxadas, com relativa vitalidade e autoconfiança. O nível 3 é também atribuído a crianças que podem aparentar uma postura neutra: não existem sinais claros indicando propriamente tristeza ou prazer, conforto ou desconforto. A criança envolve-se na atividade praticamente sem interrupções, embora por breves momentos a atenção seja mais superficial, necessitando, por

vezes, de incentivo por parte do educador ou de outras crianças para continuar a atividade. (p.22)

Portugal & Laevers (2010) descrevem o **nível 4** de bem-estar emocional como Alto- As crianças evidenciam sinais claros de satisfação/felicidade. Os momentos de bem-estar superam claramente os momentos de desconforto. As suas relações com o mundo são boas. Na maior parte do tempo, as crianças parecem estar bem, podendo manifestar, ocasionalmente, sinais de desconforto. (p.22)

Portugal & Laevers (2010) descrevem o **nível 5** de bem-estar emocional como Muito alto- Estas crianças, claramente, parecem sentir-se como “peixe na água”, confortáveis. Irradiam vitalidade e tranquilidade, autoconfiança e autoestima. Evidenciam alegria e simpatia, sorrindo, rindo, gritando de prazer, cantarolando, conversando com as outras crianças, expressando autenticidade e espontaneidade, segurança e abertura a novas atividades e experiências, sem sinais de tensão, com energia e vitalidade. Notoriamente, a criança está bem consigo própria, estabelecendo facilmente relações positivas com as outras pessoas. Tem autoconfiança suficiente para ultrapassar situações de frustração sem se deixar abater. (p.22)

|                             | Implicação |         |         |         |         |
|-----------------------------|------------|---------|---------|---------|---------|
|                             | Nível 1    | Nível 2 | Nível 3 | Nível 4 | Nível 5 |
| Semana 1 (Avaliação 1)      |            |         | X       |         |         |
| Semana 2 (Pincéis mágicos)  |            |         | X       |         |         |
| Semana 3 (O meu superpoder) |            |         |         | X       |         |
| Semana 4 (Vamos explorar?)  |            |         |         |         | X       |
| Semana 5 (Avaliação 2)      |            |         |         |         | X       |

## 6. Implicação

### 1.1 Descrição completa dos níveis 3,4 e 5 de Implicação

Portugal & Laevers (2010) descrevem o **nível 3** de implicação como

Médio- Atividade mais ou menos continuada ou atividade sem grande intensidade- O nível 3 atribui-se às crianças que estão usualmente envolvidas em diversas atividades, mas raramente ou nunca se verifica “intensidade”. A criança está ocupada numa atividade de forma mais ou menos contínua, mas falta verdadeira concentração, motivação e prazer. É um funcionamento rotineiro, sem grande investimento de energia. A motivação e entrega na tarefa

é limitada, a criança não se sente desafiada, nem a sua imaginação é “espicaçada”. (p.28)

Portugal & Laevers (2010) descrevem o **nível 4** de implicação como

Alto – Atividade com momentos intensos – O nível 4 atribui-se às crianças que usualmente estão ativas, verificando-se frequentemente sinais claros de implicação. A atividade é significativa para a criança que parece funcionar nos limites das suas capacidades. Acontecem momentos de intensa atividade mental, a criança sente-se desafiada e a sua imaginação é estimulada. (p.28)

Portugal & Laevers (2010) descrevem o **nível 5** de implicação como

Muito alto – Atividade intensa e continuada- Este nível destina-se a criança que, com muita frequência evidenciam elevada implicação nas atividades. A criança escolhe facilmente a atividade e, uma vez iniciada, fica totalmente absorvida. A criança está natural e intrinsecamente motivada, a atividade flui e acontecem momentos de intensa atividade mental. Existe grande implicação, expressa em elevada concentração, energia, persistência e criatividade. Outros estímulos, mesmo que atraentes não conseguem seduzir realmente a criança, sendo as eventuais interrupções sempre seguidas de uma atividade intensa. Qualquer perturbação ou interrupção é experienciada como uma rutura frustrante da atividade em curso. (p.29)

## 7. Grelha de observação 1

**Grelha de observação****Atividade:** Avaliação Inicial**Data da intervenção:** 27/05/2021

**Duração da atividade:** 2 dias (as crianças foram divididas em pequenos grupos para que o acompanhamento fosse mais eficaz)

**N.º de crianças envolvidas:** 20

|                                                                           | <b>Observações</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
|---------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| As crianças aceitaram a atividade?                                        | Num primeiro momento, as crianças mostraram-se um pouco receosas e confusas, pois nunca tinha tido a oportunidade de criar livremente e sem limitações. Contudo, com o decorrer da atividade foram ficando cada vez mais confiantes e motivadas.                                                                                           |
| As crianças mostraram-se envolvidas na atividade?                         | Sim, as crianças demonstram-se bastante envolvidas no desenvolvimento de toda a atividade, sendo que o meu papel foi de acompanhamento e observação. Existiram 3 crianças que necessitaram de ajuda e apoio mais individualizado, tanto para chegarem à ideia do que pretendiam elaborar, como na própria construção do objeto.            |
| As crianças demonstraram à vontade na manipulação dos diversos materiais? | As crianças mostraram bastante à vontade com a grande maioria dos materiais, visto já terem tido contacto com estes anteriormente, são exemplo, as tintas, pinceis, canetas, lápis, cola e tesoura. No que diz respeito aos materiais reciclados, as crianças demonstraram alguma estranheza, pois não sabiam de que maneira os manipular. |
| As crianças foram criativas no desenvolvimento da atividade?              | A grande maioria das crianças contruiu um objeto real, como por exemplo, uma casa, um microfone, um carro, um castelo, um foguetão, um trator, uma                                                                                                                                                                                         |

|  |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
|--|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|  | <p>coroa, um avião, pulseiras e colares, princesas e borboletas.</p> <p>Existiram duas crianças que, naquele momento, se mostram um pouco mais criativas que as restantes, os objetos construídos por estas foram, uma caixa decorada para servir de arrumação para a área da criatividade e um bruxa, para a qual a criança desenvolveu um história e lhe atribuiu um nome.</p> |
|--|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

**Observações adicionais**

## 8. Grelha de Observação 2

### Grelha de observação

**Atividade:** “Pinceis Mágicos”

**Data da intervenção:** 02/06/2021

**Duração da atividade:** 2 dias (as crianças foram divididas em pequenos grupos para que o acompanhamento fosse mais eficaz)

**N.º de crianças envolvidas:** 20

|                                                                           | Observações                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
|---------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| As crianças aceitaram a atividade?                                        | Sim, as crianças mostraram-se empolgadas e motivadas ao longo de toda a atividade, embora ainda houve um receio inicial por nunca terem contactado com este tipo de materiais e propostas.                                                                                                                                                                     |
| As crianças mostraram-se envolvidas na atividade?                         | Sim, as crianças demonstram estar envolvidas no decorrer de toda a atividade.                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
| As crianças demonstraram à vontade na manipulação dos diversos materiais? | As crianças revelaram bastante estranheza na manipulação dos materiais disponibilizados, visto serem “pincéis” não tradicionais e, por isso, diferentes do que, habitualmente, utilizam para a realização de outro tipo de trabalho.<br>Sendo que o mais utilizado pelas crianças foi o cotonete e o menos utilizado foi a pena.                               |
| As crianças foram criativas no desenvolvimento da atividade?              | As crianças demonstraram ainda alguma necessidade de ajuda na escolha dos materiais que iriam utilizar na atividade, por vezes pediam ajuda na escolha do que desenhar.<br>Quanto a ideia apresentada é já possível observar alguma evolução, as pinturas apresentadas são cada vez mais sobre algo imaginado pelas crianças do que situações simples e reais. |

**9. Grelha de Observação 3****Grelha de observação****Atividade:** “O meu superpoder”**Data da intervenção:** 09/06/2021

**Duração da atividade:** 1 dia (as crianças foram divididas em pequenos grupos para que o acompanhamento fosse mais eficaz)

**N.º de crianças envolvidas:** 20

|                                                                           | Observações                                                                                                                                                                                                                                                                              |
|---------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| As crianças aceitaram a atividade?                                        | Sim, as crianças mostraram-se bastante empolgadas e motivadas ao longo de toda a atividade, o tema mostrou ser bastante chamativo e interessante para as crianças, todas mostraram interesse em participar da proposta.                                                                  |
| As crianças mostraram-se envolvidas na atividade?                         | Sim, as crianças demonstram estar bastante envolvidas no decorrer de toda a atividade, é notável uma evolução no envolvimento das crianças. Estas parecem estar cada vez mais interessadas e com vontade de explorar os diversos materiais disponibilizados.                             |
| As crianças demonstraram à vontade na manipulação dos diversos materiais? | Sim, o facto de o contacto com este tipo de materiais ser cada vez mais rotineiro, faz com que as crianças já se sintam à vontade na sua manipulação.                                                                                                                                    |
| As crianças foram criativas no desenvolvimento da atividade?              | As crianças demonstraram ainda alguma necessidade de ajuda na escolha dos materiais que iriam utilizar na atividade.<br><br>Quanto às ideias apresentadas, estas são cada vez mais criativas, sem necessidade de imitar as ideais dos colegas, embora em alguns casos ainda acontecesse. |

|                               |
|-------------------------------|
| <b>Comentários adicionais</b> |
|-------------------------------|

**10. Grelha de Observação 4****Grelha de observação****Atividade:** “Vamos explorar?”**Data da intervenção:** 16/06/2021**Duração da atividade:** 1 dia**N.º de crianças envolvidas:** 20

|                                                                           | Observações                                                                                                                                                                                                                       |
|---------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| As crianças aceitaram a atividade?                                        | Sim, as crianças mostraram-se bastante empolgadas e motivadas ao longo de toda a atividade, o tema mostrou ser bastante interessante para as crianças, todas mostraram interesse em participar da proposta.                       |
| As crianças mostraram-se envolvidas na atividade?                         | Sim, as crianças demonstram estar bastante envolvidas no decorrer de toda a atividade.<br><br>As crianças gostaram do facto de puderem construir instrumentos com os quais, posteriormente, puderam brincar no exterior.          |
| As crianças demonstraram à vontade na manipulação dos diversos materiais? | Sim, no início ficaram muito curiosas para manipular a pasta de moldar, uma vez que nunca tinham contactado com a mesma, mas com o decorrer da atividade foram ganhando confiança e a proposta correu dentro do que era esperado. |
| As crianças foram criativas no desenvolvimento da atividade?              | Sim, todas as crianças apresentaram ideias inovadoras e criativas, os objetos criados pelas crianças foram “fora da caixa”, deixando a maquete final bastante interessante.                                                       |

**Comentários adicionais**

**11. Grelha de observação 5****Grelha de observação****Atividade:** Avaliação Final**Data da intervenção:** 23/06/2021

**Duração da atividade:** 1 dia (as crianças foram divididas em pequenos grupos para que o acompanhamento fosse mais eficaz)

**N.º de crianças envolvidas:** 20

|                                                                           | Observações                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
|---------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| As crianças aceitaram a atividade?                                        | Sim, as crianças gostaram de repetir a atividade inicialmente, pois agora já tinha outras ideias para colocar em prática.                                                                                                                                                                            |
| As crianças mostraram-se envolvidas na atividade?                         | Sim, as crianças demonstram estar bastante envolvidas no decorrer de toda a atividade, é notável a evolução no envolvimento das crianças desde do início do projeto até à atividade final. As crianças demonstraram bastante interesse e vontade de explorar os diversos materiais disponibilizados. |
| As crianças demonstraram à vontade na manipulação dos diversos materiais? | Sim, o facto de o contacto com este tipo de materiais se ter tornado habitual, fez com que as crianças, chegando a esta fase final, já se sentissem à vontade na sua manipulação, sem necessidade de pedir ajudar ao adulto.                                                                         |
| As crianças foram criativas no desenvolvimento da atividade?              | As ideias apresentadas pelas crianças foram bastante diferentes das da primeira proposta, os trabalhos apresentados são muito mais complexos, originais e diferentes do habitual.                                                                                                                    |

|                               |
|-------------------------------|
| <b>Comentários adicionais</b> |
|-------------------------------|

